

5 minutos de **jazz**
Andréa Zamorano

Bíblia **Canal da Crítica
de Mário
Castrim**

Blimunda **Miguel Horta**

**Oficina
do Livro** **URSOS**

A Biblioteca e Arquivo de Ponta Delgada

A chuva recomeçou a cair, faz sobre os telhados um rumor como de areia peneirada, entorpecente, hipnótico, porventura no seu grande dilúvio terá Deus misericordioso desta maneira adormecido os homens para que lhes fosse suave a morte, a água entrando maciamente pelas narinas e pela boca, inundando sem sufocação os pulmões, regatinhos que vão enchendo os alvéolos, um após outro, todo o oco do corpo, quarenta dias e quarenta noites de sono e de chuva, os corpos descendo para o fundo, devagar, repletos de água, finalmente mais pesados do que ela, foi assim que estas coisas se passaram, também Ofélia se deixa ir na corrente, cantando, mas essa terá de morrer antes que se acabe o quarto acto da tragédia, tem cada um o seu modo pessoal de dormir e morrer, julgamos nós, mas é o dilúvio que continua, chove sobre nós o tempo, o tempo nos afoga.

José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

4

**Ter algo
a dizer**

Editorial

6

Leituras

Sara Figueiredo

11

Estante

Andreia Brites

Sara Figueiredo Costa

17

**Bíblia: 20
anos a pregar,
aos peixes e
aos outros**

Sara Figueiredo Costa

30

**50 anos do
Cinco Minutos
de Jazz**

Sérgio Machado Letria

44

Desvida

Andréa Zamorano

49

**Os Livros do
Desassossego
Miguel Horta**

59

**Biblioteca
e Arquivo de
Ponta Delgada**

Andreia Brites

84

Ursos

Andreia Brites

93

**Uma galeria
de feras**

Andreia Brites

97

**And the
winner is...**

Andreia Brites

98

**Visita Guiada:
Oficina
do Livro**

Andreia Brites

110

Espelho Meu

Andreia Brites

115

**Saramaguiana
Canal da
Crítica**

Mário Castrim

125

Agenda

Em novembro de 1975, após ficar desempregado, José Saramago tomou a decisão que determinaria o que viria a ser o resto da sua vida: assumir-se como escritor. Já tinha escrito alguns livros – romances, contos, poemas – mas, como costumava dizer, não tinha uma obra. “[Decidi] perguntar-me a mim mesmo se realmente tinha alguma coisa para dizer que valesse a pena para sentar-me a escrever. Esse foi o grande momento da minha vida (...) todo o resto é banal”, contou o escritor ao realizador Miguel Gonçalves Mendes no documentário *José e Pilar*.

O passo seguinte foi rumar ao Alentejo onde esteve por vários meses e começou a escrever *Levantado do Chão*. É nesse romance que surge o estilo que marcaria a prosa do escritor. É, também, o livro que coloca a primeira pedra na construção de uma carreira internacionalmente conhecida e admirada. José Saramago tinha 58 anos quando publicou aquele romance.

Ter algo a dizer

Neste número da Blimunda recuperamos um artigo do jornalista Mário Castrim, escrito em 1974, com um certo tom de profecia – ou, pelo menos, um olhar muito atento capaz de identificar qualidade e voz num escritor que ainda não se assumira como tal. O texto do crítico falecido em 2002 fala sobre o estilo de José Saramago e também sobre sua responsabilidade “enquanto cidadão e político”, duas características que com o tempo seriam conhecidas mundialmente.

“Escrever, sim: mas o quê? De que maneira pode o escritor contribuir para que o povo melhor se arme na sua luta pelo futuro?”, pergunta Mário Castrim. Alguns anos depois, com a publicação de *Levantado do Chão*, José Saramago começaria a dar resposta a essas perguntas.

“Daqui saúdo em José Saramago a força do intelectual que o fascismo não conseguiu vencer. Homem de opinião homem de qualidade. A quem é bom chamar amigo”, acrescenta Castrim. O tempo provou que a sua perceção estava correta: José Saramago tinha algo a dizer.

Blimunda 48

maio 2016

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados

são da responsabilidade

dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação

podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença

Creative Commons

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

COMO CHEGAR GETTING HERE

Metro Subway

Terreiro do Paço

(Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735,

746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Segunda a Sábado

Monday to Saturday

10 às 18h / 10 am to 6 pm

FUNDAÇÃO JOSÉ SARÁMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS

GONÇALO VIANA

Nova voz na literatura latino-americana

O escritor boliviano Rodrigo Hasbún foi eleito pela revista *Granta* como um dos mais promissores autores emergentes em língua castelhana. A sua novela *Los Afetos* acompanha a história de uma família alemã na capital da Bolívia, no período do pós-Segunda Guerra, e retoma os muitos tópicos clássicos em torno da família e do seu potencial narrativo, entre amores, desamores, traições, felicidades fútuas e algumas desilusões. Numa entrevista à revista colombiana *Arcádia*, o autor fala sobre o seu livro, mas sobretudo sobre a visão que tem da literatura, da sua oficina e do modo possível de a utilizar como ponto de partida para uma reflexão sobre o mundo. Diz o autor, respondendo às perguntas do jornalista Ángel Castaño Guzmán: «La ficción permite narrar también el viaje interior, atisbar las guerras que se desencadenan dentro de los personajes, saber o creer saber qué sienten mientras les va sucediendo la vida. En estos tiempos tan wikipedizados, es la ficción justamente la que debe atender contra la acumulación de hechos y fechas y datos, contra las superficies de lo meramente informativo, para adentrarse en la experiencia emocional y en lo más ambiguo y cuestionable, en lo que no tiene una sola respuesta o una sola explicación. Esa voluntad es la que me movía cuando escribí *Los afetos*.» Mais adiante, sobre o possível papel da



literatura no debate acerca da sociedade atual latino-americana, Rodrigo Hasbún divide-se: «Se me ocurren dos respuestas posibles. La primera, diferida y bienintencionada y seguramente ingenua, es que la literatura ensancha nuestra manera de imaginar a los otros. En el camino, idealmente, destroza prejuicios, problematiza supuestos, matiza impresiones. Nos sensibiliza y nos devuelve al mundo con la mirada renovada. La segunda respuesta es más escéptica. Los tirajes de los libros en Latinoamérica suelen ser de quinientos o mil ejemplares, y la mayoría van a caer a oídos de lectores que son parte de élites más bien sordas. Desde esa perspectiva, podría decirse que la literatura importa poco en nuestras sociedades, y que no promueve discusiones ni provoca efectos de ninguna clase, al menos no a corto plazo.»



A quem servem as fronteiras?

O *Babelia* do passado dia 7 de maio dedicou o seu tema de capa à ideia de fronteira e à sua concretização na Europa atual. O suplemento cultural do diário *El País* reuniu textos de vários autores, entre eles Luz Gómez e Maribel Marín, numa entrevista a Hassan Blasim, o escritor iraquiano que esteve em situação ilegal na

Europa durante três anos. Saskia Sassen, socióloga holandesa que se tem dedicado ao estudo da globalização e dos fenómenos migratórios, assinou o texto «¿Quién tiene el poder de crear fronteras?» onde se explica que os muros e fronteiras tão fortemente guardados contra a passagem de pessoas que procuram fugir da guerra ou da miséria são os mesmos que não oferecem qualquer resistência a outras passagens: «La vuelta de Europa a un debate y —en parte— una realidad de institución de fronteras, especialmente los muros físicos, en un momento en el que millones atraviesan esos muros en el espacio digital, es un pronunciamiento peculiar. Pero es un pronunciamiento. Y lo debemos tener muy en cuenta, porque no se refiere, por ejemplo, al sector financiero, que tiene su propia autopista de entrada en todos nuestros países, en los que después obtiene beneficios del sector económico o el hogar más pequeño. Ni tampoco se refiere, por ejemplo, a los traficantes de la industria del sexo. No, a lo que se refieren estos muros es a los frágiles cuerpos de los seres humanos.» Mais adiante, a autora insiste: «Quiero hacer hincapié en que en el debate sobre las fronteras debemos reconocer la formación de reordenamientos globales, solo en parte territoriales, que descomponen parcialmente el territorio del Estado soberano nacional. Estos reordenamientos van formando espacios protegidos para intereses privados —parciales

pero encadenados— que atraviesan territorios nacionales donde antes lo que regía eran los regímenes fronterizos interestatales. Sí, se construyen muros físicos para impedir el paso de cuerpos de carne y hueso. Pero son muros fácilmente atravesados por agentes mucho más poderosos, de los ámbitos de las finanzas, las leyes y las ideas, para bien o para mal. En la medida en que el Estado, históricamente, ha tenido la capacidad de envolver su territorio con instrumentos legales, también tiene la capacidad de cambiar ese envoltorio; por ejemplo, desregular sus fronteras para abrirlas a empresas e inversiones extranjeras.»



os limites da cidade

No *Público*, Alexandra Prado Coelho fala de um livro recentemente publicado pelos arquitetos Pedro Campos Costa e Nuno Louro sobre a cidade de Lisboa e a evolução do seu espaço e da organização urbana nele presente. *Sete Círculos*, com muitos registos fotográficos e textos que ajudam a pensar sobre as imagens, é uma reflexão sobre Lisboa, mas também sobre as cidades em geral e o modo como nelas vivemos: «“As cidades cresceram rapidamente”, afirma Pedro Campos Costa, “e nós, especialmente

na Europa, ficámos muito agarrados a uma imagem que é a do *Bom Governo* de Lorenzetti [A *Alegoria do Bom e do Mau Governo*, de Ambrogio Lorenzetti, fresco na Câmara de Siena, Itália]: a cidade medieval no interior das muralhas e o mundo rural no exterior. Temos aquela imagem como uma coisa positiva. Entendemos que as muralhas nasceram para nos proteger, e no entanto elas acabaram por desaparecer. A partir do século XX há uma série de autores que falam disto, quase como uma psicanálise: as cidades já não são os centros mas continuamos a regressar ao tema. Se calhar vivemos demasiado tempo dentro da muralha...”» Com o passar do tempo, talvez as vias rápidas tenham substituído as muralhas: «As fotografias mostram como a ideia de limite é fluida. Se esquecermos a já desaparecida muralha, os limites de Lisboa começam a ser definidos por vias rápidas cada vez mais alargadas, que permitem circular, a grande velocidade e sempre de automóvel, contornando a cidade. O irónico é que, com o tempo, essas vias rápidas que nos tornavam velozes vão-se enchendo de carros e entupindo, acabando por se tornar o local onde os automóveis, em vez de andarem, param em desesperantes filas.»



No rasto de um escritor

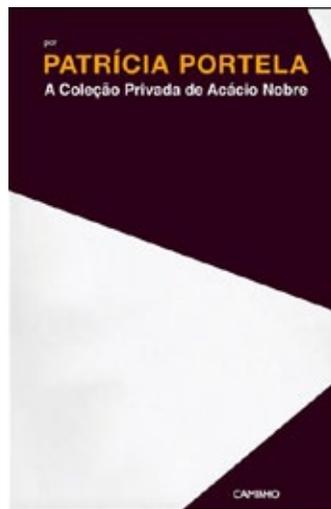
Na revista brasileira *Serrote*, Alejandro Zambra relata a sua viagem a Santo Stefano Belbo, em Itália, a terra onde nasceu Cesare Pavese, num registo que cruza a crónica de viagem com a ficção que tem sido o trabalho regular do autor chileno:

«Alguém que nasceu no país de Neruda não deveria fazer esta viagem. Crescemos cultuando o poeta feliz, crescemos com a ideia de que um poeta é alguém que solta suas metáforas à menor provocação, que acumula casas e mulheres e dedica a vida a decorá-las (às casas e às mulheres). Crescemos pensando que os poetas colecionam – além de casas e mulheres – carrancas e garrafas de *Chivas* de cinco litros. Para nós, o turismo literário é coisa de gringos, de japoneses que pagam para se maravilhar com histórias fantásticas.

Por sorte, não há nada disso em Santo Stefano Belbo, um povoado que vive de suas vinhas e goza de uma estabilidade que se assemelha muito ao tédio. Em Santo Stefano as crianças aprendem, desde pequenas, que neste povoado nasceu um grande escritor que nunca foi feliz. As crianças deste povoado aprendem desde cedo a palavra suicídio. As crianças sabem de antemão que, neste povoado, como dizia Pavese, trabalhar cansa.»



A Coleção Privada de Acácio Nobre **Patrícia Portela** **Caminho**



Acácio Nobre já estava entre nós quando o século XIX escutou o dobre de finados. Por aqui continuava quando o novo século entrou, primeiro com um otimismo que parecia contagiante e inquebrável, depois com o estrondo de uma guerra devastadora, a que se seguiu a derrocada da economia, a ascensão dos fascismos, uma nova guerra. O catálogo de documentos de tipologia variada que este livro reúne confirma-o como figura central do século XX, um homem que não se deixou travar pelas fronteiras e que colocou a cultura portuguesa no centro da Europa, levando e trazendo ideias, dúvidas, vontades. Criador de puzzles e jogos didáticos que assumiam a geometria como conhecimento essencial para o desenvolvimento da criatividade e da cidadania, Acácio Nobre deixou obras fundamentais escondidas nas dobras do tempo.

O volume que agora se publica é um catálogo detalhado do espólio que Patrícia Portela terá encontrado numa arca, na cave da casa dos seus avós. As entradas descrevem os itens desse espólio, classificando-os e reproduzindo, em imagens, alguns deles. Para além deste inventário descritivo, a autora acrescenta informações biográficas, esclarece detalhes menos claros e relaciona os dados que podemos extrair de cada entrada com outros, mais ou menos conhecidos. Há cartas de e para Acácio Nobre, esboços dos seus projetos para puzzles e jogos, desenhos, apontamentos dispersos e muitos manuscritos

que ficaram, até agora, inéditos. A partir de certa altura, há também cartas trocadas entre Patrícia Portela e Alva, companheira de vida de Acácio Nobre, presença constante no espólio acaciano e na narrativa que este livro constrói a partir dele. Criando um objeto de difícil (e desnecessária, acima de tudo) classificação genérica ou de outra ordem, Patrícia Portela transforma a estrutura de um catálogo, respeitada no modo padronizado de apresentar as entradas e as descrições de cada item, numa linha narrativa que conta a história da vida de Acácio Nobre a partir do que dele ficou, cruzando diferentes linguagens – a verbal, naturalmente, mas também

a visual, com as reproduções dos quadros e ilustrações, para além de fotografias e planos de máquinas, objetos, invenções concretizadas ou por concretizar.

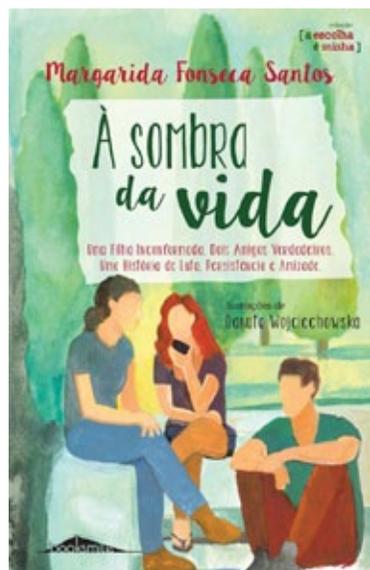
Nenhum extratexto deste catálogo nos confirma ou desmente a possibilidade de Patrícia Portela ter inventado Acácio Nobre. O homem esquivo que trocou versos com Bernardo Soares, que conhecia a importância do jogo na formação da personalidade, que nem dos seus próprios confrades de coletividade era realmente conhecido, pode ou não ser um personagem. Não há falta de verosimilhança que lhe manche a estrutura, mesmo que possa causar desconfiança a proliferação de encontros que teve com gente cujo nome a História não esqueceu ou o modo como a sua presença no mundo foi registada – da influência que terá tido em Melville para a criação de *Moby Dick* à descrição feita pela PIDE, na sua ficha, que o apresentava como “alpinista, monge tibetano, macrobiótico, dandy, conhecedor de religiões pré-colombianas (...)”. Apesar disso, os álbis confirmam-se numa teia coerente de dados, histórias e documentos em confronto, deixando à desconfiança tanto espaço para a combustão como para a extinção. Em boa verdade, depois de lermos atentamente a descrição dos documentos e objetos constantes neste espólio e estabelecermos entre eles as relações possíveis e impossíveis, talvez não seja disparatado questionar se não foi Acácio Nobre a inventar Patrícia Portela.

C E S  R E A

UM OLHAR SUI GENERIS
E CHEIO DE HUMOR PARA O UNIVERSO
PARALELO DOS RESTAURANTES.
VOCÊ PRECISA CONHECER APICIUS.

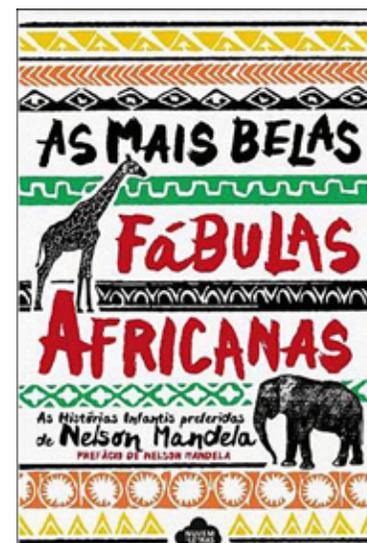


CESAREA.COM.BR



À sombra da vida
Margarida Fonseca Santos
Booksmile

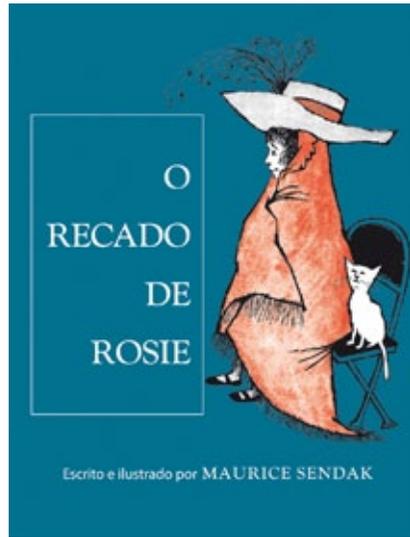
Seguindo a premissa da coleção, que iniciou com *Bicicleta à Chuva*, Margarida Fonseca Santos continua a tecer enredos de conflito social e emocional. Desta feita, Beatriz confronta-se com o alcoolismo da mãe e o desabar de toda a sua estrutura familiar. Tal como no título anterior, a solução para o problema é apresentada com muita clareza, passo a passo, sem elipses que levam diretamente ao final feliz. Uma das mensagens mais fortes da novela acontece quando as personagens adolescentes constataam que não são os únicos a terem problemas, sejam eles a doença, o desemprego, a emigração.



***As mais belas Fábulas Africanas,
as Histórias Infantis preferidas de
Nelson Mandela***

vvaa
Nuvem de Letras

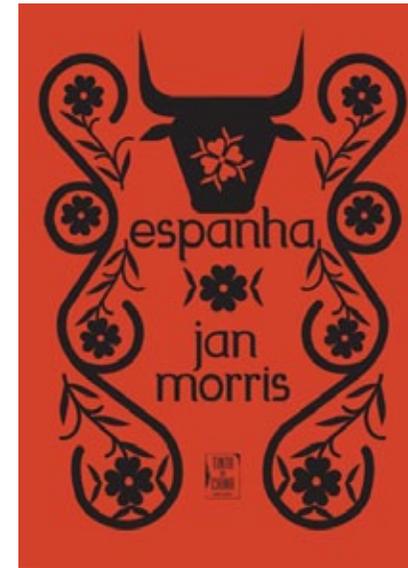
Desde mitografias fundadoras ao quotidiano das crianças, nesta antologia há lugar para diversos retratos do património oral africano, registado e recontado em diversos países. Cada fábula é antecedida por uma brevíssima sinopse onde consta a origem étnica da narrativa e o seu fixador. No final encontramos uma pequena nota biográfica sobre os autores que registaram as fábulas e uma breve bibliografia sobre as mesmas. Para além do acesso ao texto, o volume permite o acesso ao contexto de uma geografia a que o leitor português chega com muitas limitações.



O Recado de Rosie

Maurice Sendak
Kalandraka

Como se cria uma brincadeira e como se leva os pares a aderirem ao faz de conta não é tarefa óbvia nem de pouca exigência. Rosie lidera o grupo e consegue a credibilidade dos amigos, transformando-se noutras personagens e contornando todas as limitações impostas pelos adultos. Com mestria, o texto alimenta-se de uma sucessão de diálogos e atos narrados com singular linearidade. As crianças conseguem ser manipuladoras, caprichosas, surpreendentes e pouco doces, quer no texto quer nas ilustrações que complementam um sentido infantil muito distante das idílicas composições tradicionais.



Espanha

Jan Morris
Tinta da China

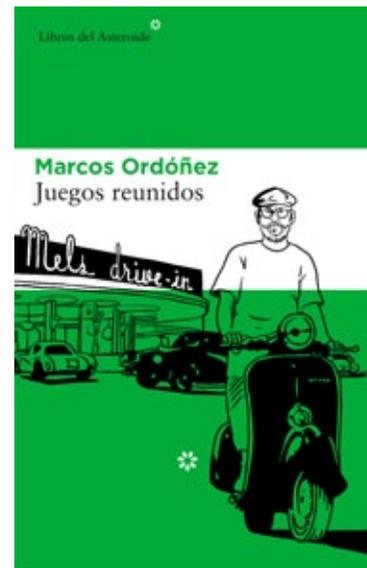
Novo volume da coleção de viagens, *Espanha* percorre o país que dá título ao livro de norte a sul, descobrindo-lhe diferenças entre a geografia e a cultura e reparando, igualmente, nos traços que unem um território com tantas identidades diferenciadas por séculos de história. Como se lê no prefácio de Carlos Vaz Marques, a “Espanha deste retrato de Jan Morris é uma entidade cruel e generosa, trágica e provocadora, orgulhosa e resignada”.



A Teus Pés

Ana Cristina César
Companhia das Letras

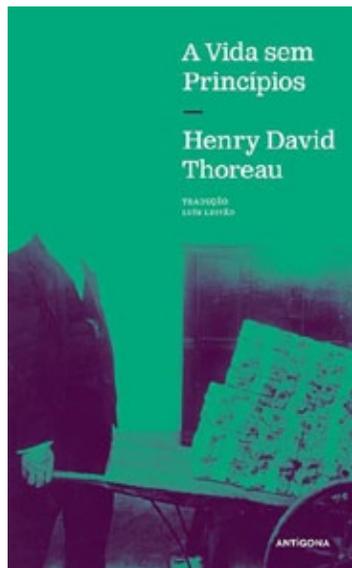
A Companhia das Letras apresenta uma nova coleção de livros de bolso exclusivamente dedicada à poesia. A estrear a coleção, poemas de Ana Cristina César, poeta brasileira desaparecida em 1983, aos trinta e um anos, cujo trabalho vem sendo redescoberto por novas gerações de leitores. O segundo volume da coleção é de Paulo Leminski e também já está disponível.



Juegos Reunidos

Marco Ordóñez
Libros del Asteroide

Um conjunto de textos dispersos e escritos em diferentes momentos ganha aqui a coerência necessária para se afirmar enquanto unidade. Marco Ordóñez revisita a sua Barcelona de sempre, cruzando a sua biografia com a vida da cidade a partir dos anos 70. Pessoas, lugares, pequenos segredos sem importância fazem de *Juegos Reunidos* um retrato em mosaico capaz de dar a ler uma cidade muito distante da dos guias turísticos.

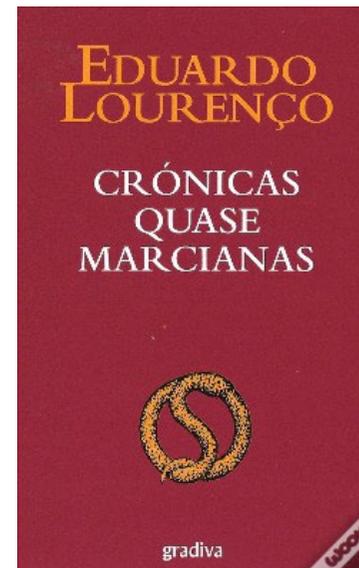


A Vida Sem Princípios

Henry David Thoreau

Antígona

Reproduzindo o texto de uma palestra apresentada pelo autor em 1854, *A Vida Sem Princípios* reflete criticamente sobre a sociedade industrial e o modo de vida que se lhe associa, confirmando Henry David Thoreau como um visionário relativamente aos perigos que o desenvolvimento tecnológico associado à fraca ética poderiam acarretar para a humanidade.



Crónicas Quase Marcianas

Eduardo Lourenço

Gradiva

Novo título de Eduardo Lourenço, desta vez reunindo crónicas originalmente publicadas na revista *Visão*, onde não falta a reflexão sobre Portugal, a Europa e o mundo contemporâneos. Um excerto: «Vendo bem, esta América tão fora dela e tão dominadora do mundo não está certa de um futuro tão "americano", como agora o imagina e nós europeus temos tendência a crer, hipnotizados pelo exemplo dos exemplos, o do Império Romano.»

SARA
FIGUEIREDO
COSTA

ANDREIA
BRITES

BEYOND CONCRETE.
WWW.MARTMAGAZINE.NET

**mART: MACAU AND LISBON
ON THE SAME PAGE**

mART

quarto
room
sonhatório
multimedia
biblioteca
library
restaurante
restaurant
loja shop



credito do Museu de Lisboa - cmu

CASA FERNANDO PESSOA
www.casafernandopessoa.pt



10h00-18h00
Última entrada
Last admission
17h30
Encerrado | Closed
Domingos | Sundays
1.01 / 1.05 / 25.12



**Rua Coelho
da Rocha,
16**
Campo de
Ourique,
Lisboa



21 391 3270



10h - 23h
Encerrado | Closed
Domingo | Sunday



25 | 28 5min



Rato 15min



709 | 720 | 738 5min



EGEAC

B í b l i a :

2 0 a n o s

a p r e g a r ,

Sara Figueiredo Costa

a o s p e i x e s

e a o s o u t r o s









Q

uando o primeiro número de uma revista chamada Bíblia se anunciou no pequeno meio editorial subterrâneo que subsistia nos anos 90 do século passado, instalou-se a dúvida: era uma revista religiosa que se atrevia a invadir o submundo de fanzines ainda em fotocópias e de revistas já em gráfica ou era uma brincadeira? Nem uma coisa, nem outra. Tiago Gomes sempre levou a sério a revista que criou em 1996 e que continua a editar com a dedicação dos missionários, lutando contra crises, problemas de distribuição e falta de atenção de alguma imprensa.

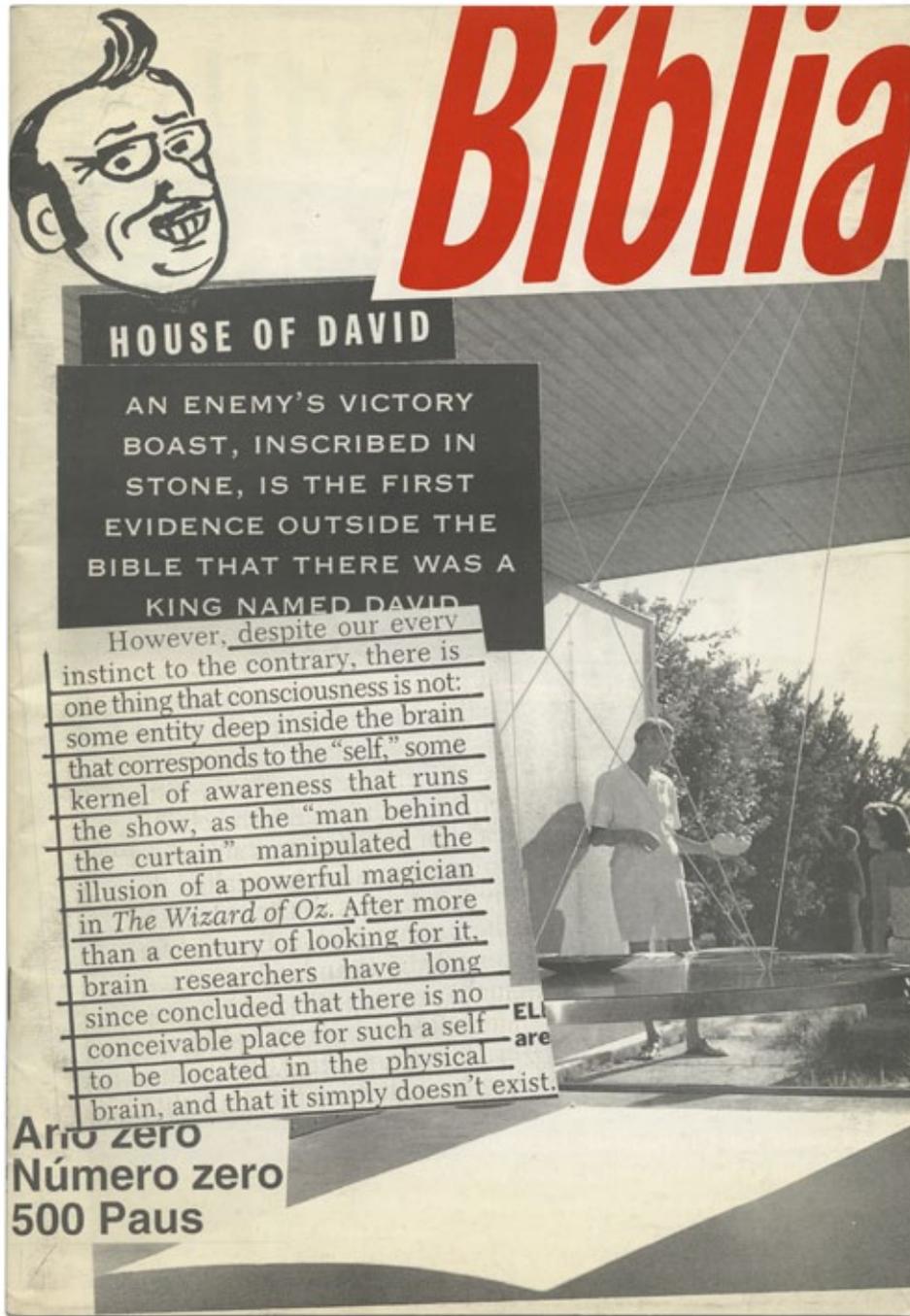
À mesa de uma pastelaria para os lados do Largo do Conde Barão, em Lisboa, o editor da *Bíblia* conversou com a *Blimunda* sobre estes vinte anos, começando por resgatar o momento em que uma revista decidiu assumir o nome de um livro: «O nome da revista nasceu num restaurante aqui perto, onde estávamos a jantar. Deixa ver se ainda me lembro de quem lá estava... Manuel João Vieira, Adília Lopes, Alice Geirinhas, João Fonte Santa, Pedro Amaral, Paulo Mendes, Fernando Brito e mais uma série de gente. Havia esta ideia de fazer uma revista e o nome surgiu-me assim, a meio do jantar. Esteve para se chamar *A Maradona*, mas acabou por ficar *Bíblia*. Estava tudo a falar ao mesmo tempo e eu disse que achava que o nome devia ser este. E ficou.» Um pouco como aconteceu quando se criou uma galeria e foi preciso dar-lhe um nome, momento em

que Tiago Gomes também estava presente, como esteve em tantos outros das últimas décadas de uma Lisboa que vai criando e ocupando espaços para as artes, o convívio, a partilha, por vezes à margem dos grandes espaços institucionais, outras vezes em diálogo com eles. Assim nasceu a Galeria Zé dos Bois.

Desde o primeiro número que a *Bíblia* se assume como espaço múltiplo, onde cabem linguagens diversas, abordagens e tons nem sempre uníssonos, uma liberdade total para escrever, desenhar, colar, inventar, arruinar. Esta cacofonia de referências e linguagens é parte essencial da identidade de uma publicação que, apesar das dezenas de colaborações que foi reunindo ao longo dos últimos vinte anos, continua a refletir o universo do seu editor. «O primeiro disco que comprei era dos B'52, *Planet Earth*. Deram-me um cheque disco e eu escolhi esse, tinha para aí oito anos. Depois, em minha casa ouvia-se os Dead Kennedys, o que dava uma mistura estranha. Em minha casa estudava-se muito o punk, a new wave, e esses ensinamentos acabaram por se misturar e aparecer mais tarde em forma de revista, misturados com o que apareceu entretanto.» Um do it yourself mastigado pelo punk e sem descurar tudo o mais que ia chegando à rede de Tiago Gomes, fosse peixe ou não. Sobretudo, era a música. «Sempre entrei muito nas coisas pela música», diz o editor, enquanto explica que se habituou a ser um autodidata, estudando, lendo, descobrindo as coisas à medida que se interessava por elas, que alguém as recomendava.

«Não estudei muito, mas fui estudando por mim, lendo coisas, aprendendo. Foi assim que cresci.»

Uma edição da *Bíblia* é sempre um objeto surpreendente, no sentido mais objetivo da palavra. O facto de cada número ser feito por um designer diferente, e de as colaborações acontecerem ao sabor da corrente, faz com que não seja possível imaginar o que se publicará na edição seguinte. Para chegar aos colaboradores, também eles leitores da revista e, muitas vezes, dinamizadores de outras publicações, de movimentos artísticos e culturais de toda a espécie que vão crescendo e desaparecendo pelos recantos do mundo, Tiago Gomes conta com o velho método do passa a palavra e com algum fruto do acaso: «Mando mails, ou uma mensagem, ou encontro as pessoas e elas passam palavra. Não há muita planificação nisto, mas as coisas vão acontecendo.» Em trinta e três edições, nem todas foram nascendo deste modo imprevisível, tendo havido meia dúzia de números especiais que se planearam com mais detalhe. Foi o caso da edição dedicada aos quarenta anos da Revolução dos Cravos, publicada há dois anos. «Isso aconteceu porque a Catarina [Figueiredo Cardoso] e a Isabel [Baraona] vieram a minha casa e encontraram um monte de papéis e revistas, porque eu ainda não tinha construído as minhas maravilhosas estantes, e passado dois dias ligaram-me a saber se eu não queria fazer um número especial da *Bíblia*. E assim foi. Elas foram coeditoras, comigo, e pagaram a edição, o que também não é uma coisa de somenos. É até de somais, na verdade.»



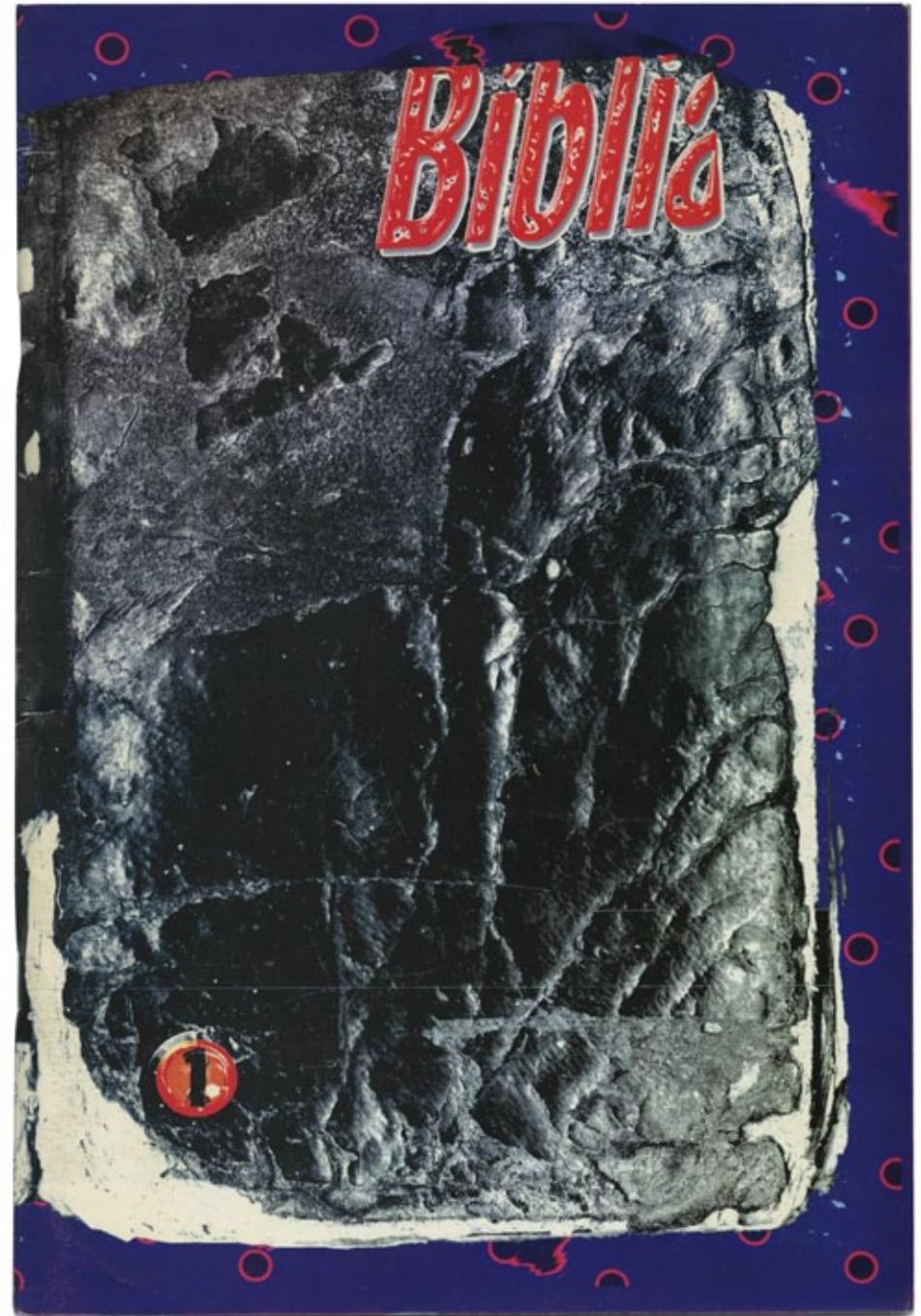
Bíblia

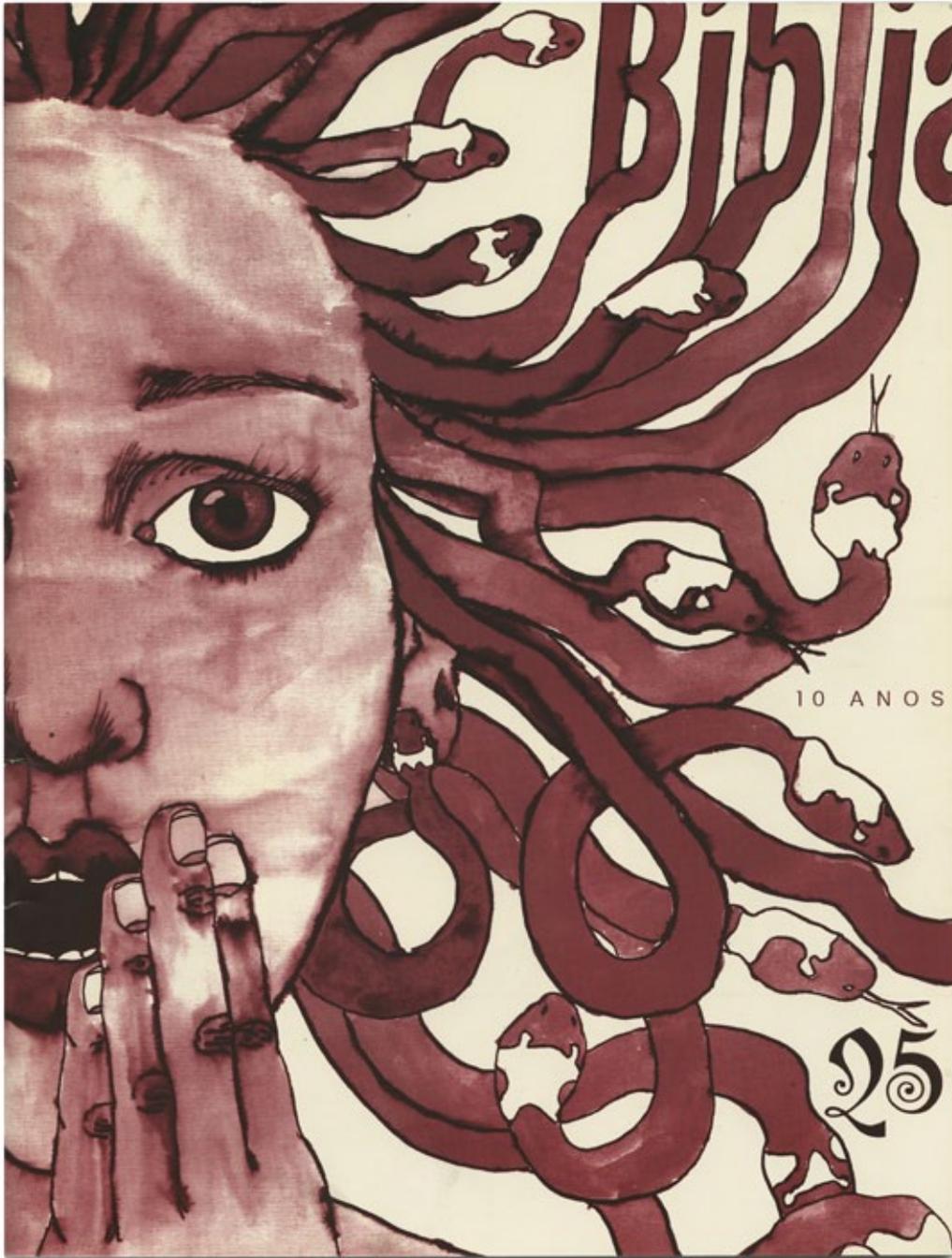
HOUSE OF DAVID

AN ENEMY'S VICTORY BOAST, INSCRIBED IN STONE, IS THE FIRST EVIDENCE OUTSIDE THE BIBLE THAT THERE WAS A KING NAMED DAVID

However, despite our every instinct to the contrary, there is one thing that consciousness is not: some entity deep inside the brain that corresponds to the "self," some kernel of awareness that runs the show, as the "man behind the curtain" manipulated the illusion of a powerful magician in *The Wizard of Oz*. After more than a century of looking for it, brain researchers have long since concluded that there is no conceivable place for such a self to be located in the physical brain, and that it simply doesn't exist.

Arro zero
Número zero
500 Paus





Manter uma revista independente, por irregulares que sejam as suas aparições, ao longo de 20 anos não é tarefa simples. “Vendi muitos exemplares agora, no 25 de Abril e no 1.º de Maio, que é um público muito nosso. Depois temos os lançamentos, as feiras de edição independente, e vamos conseguindo contornar a questão da distribuição. Tivemos distribuidoras, mas algumas não nos queriam pagar e deixámo-nos disso. Felizmente, a tempo de não sermos apanhados pelos calotes que afetaram tantas editoras quando uma série de distribuidoras faliram, há uns anos. Mas fomos tentando criar circuitos independentes para contornar essa situação. Temos assinaturas, colecionadores fiéis, lançamentos, feiras, venda à mão, pela net, tudo isso. Nos últimos dias, conseguimos o break-even deste número. Se as pessoas quiserem e estiverem atentas, sabem quando a revista sai e encontram forma de a comprar.»

Muito mudou nestes vinte anos, da impressão à divulgação. Recorrer a uma gráfica e ao off-set já é possível mesmo que se queiram fazer menos exemplares e outros métodos estão disponíveis para quem queira imprimir. Com a Internet cada vez mais aberta e rápida, também se tornou mais fácil chegar aos leitores, independentemente do lugar do mundo onde possam estar. Apesar da crise e das livrarias que vão fechando – enquanto outras vão abrindo –, Tiago Gomes não vê o cenário com maus olhos. «Há muita edição a circular e muitas editoras pequenas. Há projetos que

vão desaparecendo, mas outros aparecem. E nas revistas, é a mesma coisa. É incrível a quantidade de coisas que tu não fazes ideia que existem. Há gente de todos os cantos do país a fazer revistas e outras publicações e isso é extraordinário. Há uns anos fiz essa recolha e fiquei espantado. E ainda fiquei com uma coleção enorme – mas agora o Pacheco Pereira levou-me metade dela, o que é bom, porque fica lá no arquivo dele e as pessoas podem ler.» Se há traço de personalidade que se destaca em Tiago Gomes é esta capacidade constante de ver o que de bom existe nas coisas. Talvez tenha sido assim que atravessou estas duas décadas, onde se incluíram alguns dos anos mais críticos que Portugal viveu recentemente, social e economicamente, sem deixar de fazer a revista que começou em 1996. «Apesar de este ser o número dos 20 anos, tirámos muito menos exemplares, porque foi um processo mais demorado... Eu estive fora do país, na Finlândia, a impressão foi risográfica, demorou tudo mais tempo – e foi mais caro, também, mas ficou bonito. Tirámos 250 exemplares, quando podíamos tirar 1000 numa tipografia. Mas assim fica mais underground, pronto.»

Rir de si próprio e ironizar a partir de um certo universo dito alternativo, universo ao qual pertence sem deixar de o olhar com espírito crítico, é outra das características deste editor. Ainda assim, quando se fala da *Bíblia* e do que alcançou em vinte anos de edição, não lhe escapa a seriedade: «A revista tem dois ou três capitais importantes: já tirou mais de cinquenta mil exemplares, que estão espalhados por todo o mundo, e as pessoas não os deitam fora. Isso é

uma coisa que me agrada. As revistas estão em casa das pessoas, ou nas bibliotecas, e isso é muito bom, saber que há um certo carinho pela revista.»

Com todos os altos e baixos destes últimos vinte anos, alguma vez terá passado pela cabeça de Tiago Gomes encerrar a *Bíblia* e dedicar-se a outra coisa. Não é que o editor, que também é performer, poeta, artista de palco com parcerias e espetáculos vários onde nunca falta a poesia e a veia rock, não faça outras coisas, mas colocar um ponto final na *Bíblia* não parece estar nos seus planos. «Houve uma altura em que me dava muito com a Inês Menezes, que agora faz o Fala Com Ela, na Radar, e sempre que estava para acabar com a revista lembro-me perfeitamente de ela dizer que não podia acabar com isto. A *Bíblia* esteve cinco anos sem sair, porque a malta da troika mandou cortar e eu obedeci. Sou português e gosto de obedecer a certas regras que vêm de fora... Não, na verdade teve de ser, porque não conseguimos encontrar maneira de dar a volta, precisávamos de comer e de pagar as contas.» E a revista paga as contas? «Vamos conseguindo, mas não vivo da *Bíblia*.» Podíamos encerrar assim, com uma frase lapidar do editor, tão dúbia quanto os trocadilhos com que pontua a conversa, mas ainda quisemos saber o que esperar para o próximo número. «Estou a pensar fazer um funeral, mas só por uma questão de marketing. Sou um artista pop, afinal, e gosto é de performance.» Nada a acrescentar.



SÉRGIO
MACHADO
LETRIA

FOTOGRAFIAS
DE JOSÉ FRADE
/EGEAC

CINCO MINUTOS DE JAZZ

Numa era em que o imediatismo dita as regras, submetendo a qualidade dos conteúdos a critérios de audiências, assistir ao cinquentenário de um programa de rádio, que tem apenas cinco minutos de duração, «o tempo certo para dar a ouvir uma música jazz», nas palavras de José Duarte, com quem conversámos, e que ainda por cima nos traz em cada edição essa música que muitos ainda consideram estranha, justifica a celebração.

No final da noite de 17 de Março, o longo aplauso que acompanhou a subida ao palco de todos os músicos que participaram no concerto de celebração dos cinquenta anos do *Cinco Minutos de Jazz* na Festa do Jazz do São Luiz foi a melhor forma de fechar uma noite que foi de festa. E no punho erguido do seu autor da plateia para o palco ficou a síntese de um percurso ainda por terminar de demanda pela liberdade, sob a forma de música.

50 anos depois da primeira emissão do *Cinco Minutos de Jazz* (CMJ), que balanço faz? A emissão é diária o que lhe dá um balanço, um *swing* evidente...

Este não foi o seu primeiro programa em torno do jazz... Como surge então a ideia do CMJ, dedicado ao jazz e à música improvisada, ainda por cima numa rádio como a Renascença, católica e conservadora?

O meu primeiro foi na Rádio Universidade, outra organização ligada ao regime então

vigente, portanto mais do que conservadora. Chamava-se «O jazz, esse desconhecido», começou em 1958 e acabou pouco depois – o «Cinco» entrou pela porta principal.

E como surge a escolha do tema de Lou Donaldson que serve de indicativo ao programa?

Para indicativo e fecho de CMJ, o meu ouvido esquerdo (inexplicavelmente o menos bom dos dois!) escolheu, ao fim de prolongada audição de possíveis temas, «Lou's Blues» onde a percussão e os sopros entram com apelo.

Em plena ditadura como foi recebido o *Cinco Minutos de Jazz*? Sabendo da forma como o poder via o jazz, sentiu pressões para lhe pôr um fim?

Sobre o poder sei nada mas o povo reagiu mal e tal como hoje provou que o racismo existe neste país sempre cheio de esperanças... Choveu correspondência apócrifa chamando a mim traidor ou/e protetor dos terroristas, uma espécie de «Portugal vencerá»...

A escolha dos temas que passa no programa sempre foi exclusivamente sua?

Claro, mas gravada... Os textos que leio são meus e a escolha do estilo jazz desde o de New Orleans ao Free.











Como entra o jazz na vida do José Duarte?

Pelo telefone, pois João Martins, um radialista para a História, telefonou dizendo-me: «queres fazer CMJ?». Disse que sim, foi fácil como lê!...

Como vê hoje o panorama do jazz em Portugal?

Jazz não o vejo mas oiço. No meu país sou português «de coração e raça» como cantava quando era teenager no liceu Pedro Nunes em Lisboa e tinha aulas de canto coral – lembro-me que desafinava para ir para o recreio brincar ou a infantil resistência ao senhor Salazar). Hoje há escolas, concertos, festivais, instrumentistas jazz mas guitarras elétricas – como eles dizem – também.

E no mundo?

O jazz sempre foi uma música popular entre minorias seja de que raça forem, é um esperanto musical.

No concerto dedicado aos 50 anos do *Cinco Minutos de Jazz* na Festa do Jazz do São Luiz, reparei que a palavra liberdade esteve no centro das palavras dos músicos que ali tocaram e bem representada no seu punho erguido no final. Que papel pode ter a música quando vivemos dias tão difíceis, de democracias sequestradas?

Não estou a imaginar Laginha materialista dialético embora seja «da prática que surgem as ideias justas!»...

Conhecendo a sua ligação à escrita, com vários livros editados, entre os quais uma antologia que ligava o jazz à poesia [*Poezz*], que relação existe entre estas duas artes? *Poezz* é um livro com sucesso e como autores tem um grupo pequeno de entusiastas pela iniciativa «jazz na poesia em língua portuguesa». Relação, que eu saiba, não existe, apenas alguns poetas visitam jazz aqui e aco sol erro lá...

Para terminar, Portugal tem swing?

Não!

Somos uma maioria quadrada.

A *Blimunda* pediu a Nuno Artur Silva, administrador da RTP, e aos músicos André Fernandes, Carlos Barreto, Filipe Raposo, Alexandre Frazão, Filipe Melo e Carlos Martins que respondessem a duas perguntas: O que são cinco minutos de jazz? O que são cinquenta anos de cinco minutos de jazz? As respostas chegaram, livres como se querem quando se fala de jazz, e são reproduzidas em seguida, em jeito de homenagem ao programa e a José Duarte:

André Fernandes:

São 5 minutos num oásis radiofónico.

São 12000 minutos de um oásis radiofónico.

Nuno Artur Silva:

O que é uma vida? 5 minutos de jazz.

O que é o jazz? Cinquenta anos a responder em 5 minutos.

Carlos Barretto:

São 5 minutos de prazer que mais parecem 5 segundos.

Imortalidade?

Filipe Raposo:

Para mim, pianista, habituado às artes da improvisação, 5 minutos de jazz são uma janela temporal onde constantemente me encontro e me perco.

Confesso que tenho alguma dificuldade em definir 5 minutos (de jazz). Circunscrever o tempo é uma tarefa quase impossível, quando se está mergulhado, encharcado, neste microcosmos que é a própria música. Talvez uma das melhores definições de elasticidade temporal.

5 minutos de jazz é um local onde ouvintes e intérpretes se encontram, num diálogo permanente em que a escuta é a premissa:

O tempo é uma tira de elástico que estica e encolhe. Estar perto ou longe, lá ou cá, só depende da vontade.

José Saramago

O conceito de liberdade está na génese da palavra Jazz.

Acredito que, em 1966, quando o programa estreou na rádio Portuguesa, o significado silencioso de liberdade fosse um grito contido nos solos de John Coltrane ou Ornette Coleman - música nova, estranha, até para a grande maioria dos ouvintes, mas que continha uma mensagem político-social. As normas da música erudita eram postas em causa nas linhas melódicas atonais de Coleman, onde a demanda do total cromático era denominador comum. Música com carácter rebelde que emancipava quem a ouvisse.

Durante 50 anos, muitas foram as transformações que ocorreram no jazz, mas também muitas transformações ocorreram na sociedade Portuguesa.

A minha primeira experiência jazzística acontece precisamente a ouvir o José Duarte. Admirável mundo novo que tinha de descobrir.

Alexandre Frazão:

5 min de jazz é um programa de rádio pioneiro do lendário José Duarte que sempre se bateu por este estilo de música por toda a sua vida e até hoje. O programa apesar de ter apenas 5 min. (de cada vez) faz-nos bem a todos! E tem um papel importantíssimo no panorama radiofónico de Portugal. Após 50 anos o desejo e a esperança é de que se mantenha! E que não passe à história, como apenas uma boa lembrança. Parabéns José Duarte, um abraço.

Filipe Melo:

Cinco minutos de jazz são cinco grupos de sessenta segundos em que se pode ouvir uma combinação de sons, notas e ritmos que a história veio a designar como música «Jazz», essa que se celebra nos cinquenta anos do lendário programa radiofónico de José Duarte.

Carlos Martins:

Cinco minutos de jazz em rádio é um exercício quase impossível de encaixar em 5 minutos numa pequena conversa com faixas de discos que normalmente ultrapassam os minutos do programa. Das duas uma, ou o tema é cortado ou são escolhidos temas que não ultrapassam os 5 minutos. Na segunda opção o programa duraria pouco tempo já que, ao contrário da música comercial, os músicos de jazz têm, nos nossos dias, tendência a alongar a exposição e a improvisação sobre a temática apresentada e portanto há poucas faixas com uma duração abaixo dos 5 minutos. Esta tendência aparece curiosamente associada a um aburguesamento da cultura, ou seja, compra-se tempo e usa-se tempo que deveria ser deixado livre para respirar. Por outro lado a respiração criativa de grandes improvisadores não pode ser comprimida em meia dúzia de minutos. Portanto no caso dos 5 minutos de jazz o autor opta por cortar músicas que apresentam grande momentos da expressão improvisativa que o jazz e outras músicas podem apresentar. De qualquer forma 5 minutos por dia 5 vezes por semana ao longo de 50 anos são 60000 minutos. Equivale a 1000 álbuns de 60 minutos com a história da música improvisada no nosso mundo. É uma obra imensa feita ao longo de 50 anos.

Há dois pontos aqui que sobressaem, um de carácter pessoal que remete para a perseverança, um ideal e alguma teimosia e outro de carácter comunitário e formativo. Porque é extraordinário como uma rádio pode entrar em casa e na vida das pessoas e como é possível num País dominado pelo fascismo entrar nessas casas uma música tendencialmente democrática, feita por indivíduos, à altura, maioritariamente negros. Tal só foi possível porque apesar da censura a teimosia e determinação de um indivíduo apoiadas na genuinidade da arte fizeram um caminho inesperado. É assim que a paixão trilha novos caminhos e permite aos indivíduos perfeccionarem o futuro através dos sonhos dos outros, nomeadamente dos sonhos de liberdade.

A CASA DA ANDRÉA

DES- VIDA

ANDRÉA ZAMORANO

DESVIDA

Quando não vi a bandeira do Flamengo sobre o meu caixão, compreendi o abandono a que me havia condenado. Ainda bem que Luísa não permitiu que meus filhos me vissem naquele desvario: amarelo, esquálido, doente e, por último, morto. Logo eu, o moreno do Cacique, o filho do espanhol.

Luísa estava linda como sempre com os seus cabelos louros e compridos, tudo lhe fica muito bem. Quando começamos a namorar, Luisinha tinha só dezessete anos. Ainda não carregava a aura dos que já se entregaram, fui-lhe ensinando o mapa do seu corpo. Ela aprendeu com entusiasmo.

Acabei muito mais pobre do que quando casámos. Nem dinheiro para um pedaço de terra tive. Fui sepultado no Caju, na rua 14, na gaveta com o número 3234, fechado com cimento na parede de alvenaria por sete anos e pela piedade de Luísa que pagou o meu enterro. Fiz questão de retribuir, sussurrei no seu ouvido aquela milhar seca. Insisti para que jogasse no Bicho, era batata! Ela nunca acreditou na sorte, mesmo assim arrisquei. Não fez caso.

Sete anos foi também o tempo que durei depois de nos separarmos. Lembrei de quando íamos à praia de Grumari no fusca azul. Eles adoravam as ondas, os mergulhos, as minhas palhaçadas, as nossas gargalhadas, o farnel. Eu também. No ano em

que o Flamengo foi campeão estadual invicto, levei o meu filho para assistir todos os jogos no Maracanã.

Antes de sair de casa, pedia aos meus filhos para escolherem um ou dois cavalos para último páreo. Ia para o hipódromo, na Gávea. Mas antes não falhava uma caninha no Lacerda, sempre rodei na Zona Sul.

Nunca toquei numa menina de Copacabana. A Noite tornou-se minha amante. Éramos cada vez mais íntimos, foi ela quem me desgraçou. Chupava meu dinheiro e as minhas entranhas. Do pouco que me deixava, mal dava para contas. De vez em quando pegava um fiado na mercearia do Sr. António. As crianças iam herdando das vidas dos primos mais velhos e tudo acabava por se compor.

Minha mulher não aceitava. Passamos a discutir. Ela queria que deixasse a Noite. Como? Devolvia-lhe a pergunta. Luísa gritava furiosa, andava para trás e para frente na cozinha. Eu gesticulava com os braços abertos, queria que entendesse, tentava abraçá-la mas desistia e ia me sentar no banquinho no canto da mesa, ficava a ver as palavras saírem mudas da sua boca como formigas a escaparem de um formigueiro em chamas. Vi-as a escalam o seu rosto, entrarem pelos seus cabelos e desaparecem.

Ditou a minha sentença quando os seus olhos abriram: voltou a estudar. E quis mais. Era justo uma casa melhor, um carro mais novo, umas férias de vez em quando, menos prestações. Invejava a vida dos parentes. Na minha bastava ter Luísa, a Noite, as crianças e o meu time.

Depois da última discussão, Luísa passou a me deixar ir com a Noite. Acreditei que tivesse compreendido. Até que a Noite me revelou que ela tinha outro. Não podia ser verdade. Eram só ciúmes. Resolvi mostrar para a Noite que estava enganada.

Passei a esperar por Luísa à porta da faculdade, do trabalho, a revirar a sua bolsa, a cheirar as suas calcinhas. A Noite me mentia. Eu sabia. E por que não acreditava? A Noite insistia. Estava desnorteado. Jogava mais, trabalhava menos, bebia até cair e me deixava dormir dentro do táxi à porta de casa. A Noite lutava para que eu fosse só seu. Eu ainda voltava.

Luísa mandou-me arrumar as coisas e sair. Aceitei sem argumentar. Estava convencido de que ela não seria capaz de despertar sem o meu hálito pastoso do cigarro, sem a barba que esfregava no seu ombro para que me amasse, sem a minha mão que adormecia esquecida segurando o seu peito quando a abraçava por trás. Era uma questão de tempo. Na embrulhada das minhas emoções nunca mais nossos corpos se encontraram.

Ainda havia a Noite, ela era minha e eu agora era todo seu. A Noite foi sempre generosa. De vez em quando me deixava ir até ao portão de casa, agarrar as grades do lado de fora e gritar por Luísa. As crianças apareciam felizes correndo pelo corredor do quintal que contornava a casa, gritando na minha direção: Papai, papai! Até descobrirem que eu estava de cuecas, muitas vezes nu.

Vendi o táxi. Ela me perdoou, Luísa nunca. Deixei de pagar a pensão dos meus filhos. Ao fim de uns meses, arranjei trabalho numa empresa de transportes. Tive um

A CASA DA ANDRÉA

acidente, azar. Naquela manhã, só havia tomado duas branquinhas, perdi a carteira profissional. Nunca mais trabalhei.

A Noite se estendeu para o dia e passei a viver como se Noite fosse sempre. Bebi toda a cachaça do botequim do Lacerda, o português bem mereceu o calote. Aluguei um cubículo numa casa de meninas. Luísa não sabia mas ficou para sempre com a minha sorte, nunca mais ganhei em nada. Ela cada vez mais próspera, eu mais magro. Um tarde vomitei sangue, pensei que estivesse tuberculoso por causa do cigarro. A Noite me acalmou, não era nada grave.

Segui com a desvida. Meus filhos sentiam vergonha pela minha embriaguez crónica. Não paguei o aluguel, fui expulso do quartinho. Bati no apartamento da minha irmã para pedir guarida, meu cunhado não me quis lá. Dormi sozinho no banco do jardim. Nem a Noite esteve comigo. Ao longe, ouvi a celebração de um gol do Flamengo, não me causou emoção.

Se ao menos agora aqui no Hospital ela tivesse pena de mim, me levasse para casa. Meus filhos vieram me visitar, sei que ainda me amam. Minha filha trouxe o seu primeiro namorado, um rapaz moreno como eu costumava ser. Não se constrangeu. Ela viria me ver. Tenho certeza, ela vem. Hoje é sexta. Ela viria linda como sempre. Os meus filhos disseram que voltariam, ainda não chegaram. Será que ela não vem? Acho que vou desistir. Vou aguentar mais um pouquinho. Hoje é Domingo, é um bom dia para morrer.

Ela não veio

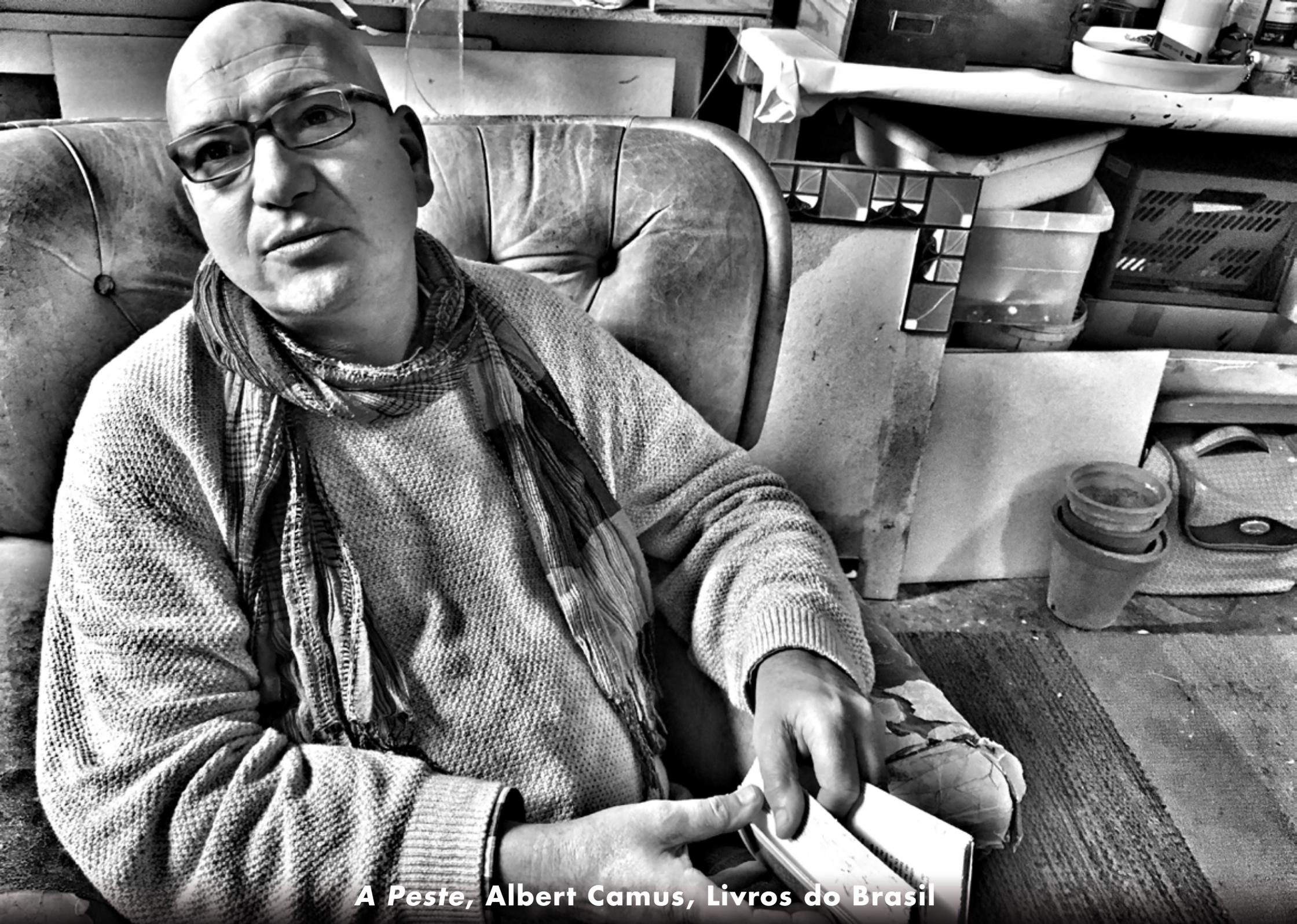
MAGUEL

OS LIVROS DO DESASSOSSEGO

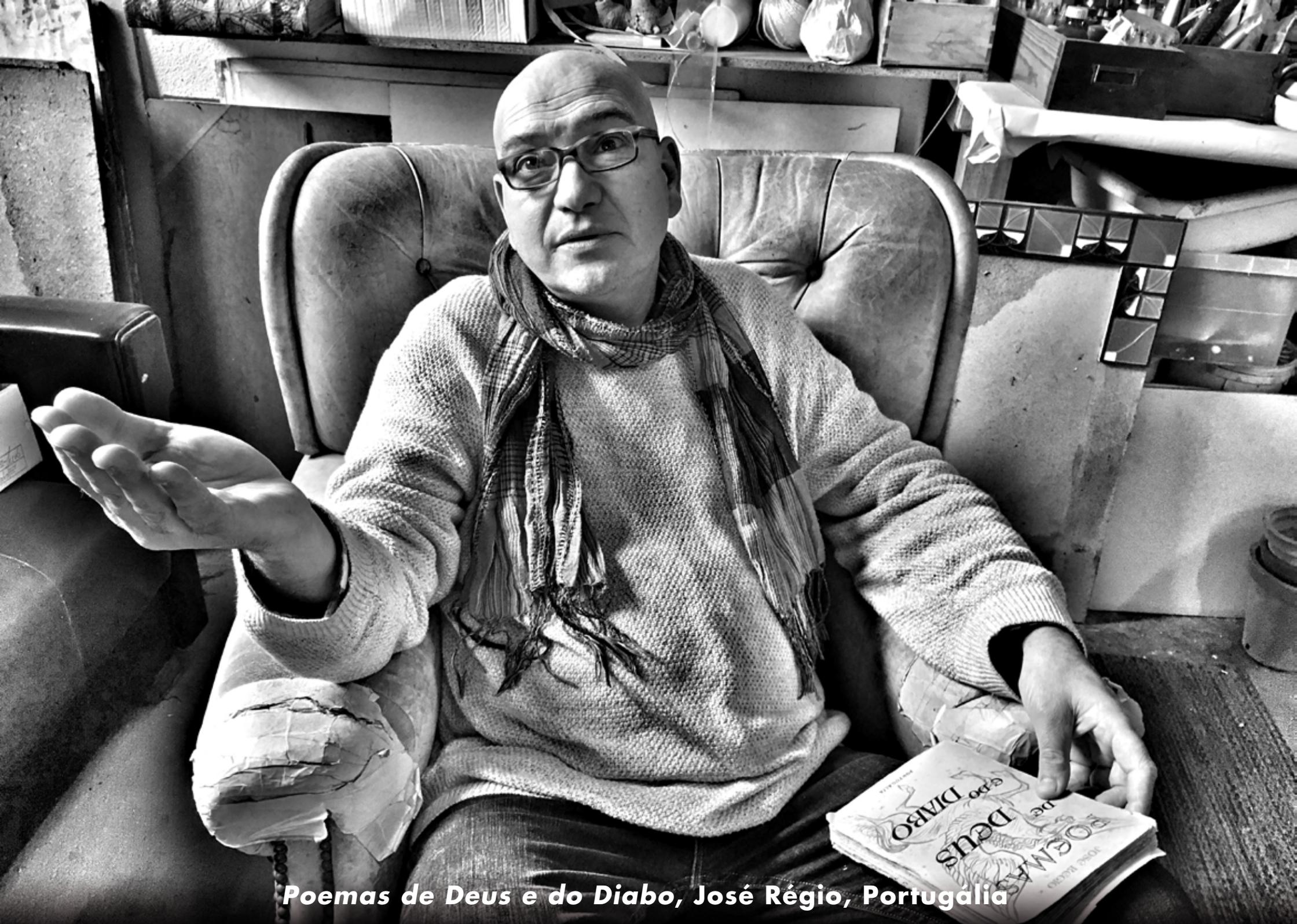
HORTA

Pintor, poeta, contador de histórias e moderador de leitura, Miguel Horta desenvolveu durante os ***Dias do Desassossego*** do ano passado uma oficina com doentes do Hospital Júlio de Matos, num trabalho inclusivo que contou com o apoio do extraordinário projeto Rádio Aurora. O trabalho, com duração de três dias, teve como produto final a «invasão» da Baixa de Lisboa com os utentes a sussurrarem poemas aos transeuntes. Autor de vários livros de poesia, Miguel Horta revelou à *Blimunda* o seu lado leitor e mostrou-nos os seus «Livros do Desassossego».

FOTOGRAFIAS DE JORGE SILVA



A Peste, Albert Camus, Livros do Brasil



Poemas de Deus e do Diabo, José Régio, Portugal



Minha Senhora de Mim, Maria Teresa Horta, Editorial Futura



Poesias Completas, Alexandre O'Neill, Assírio & Alvim

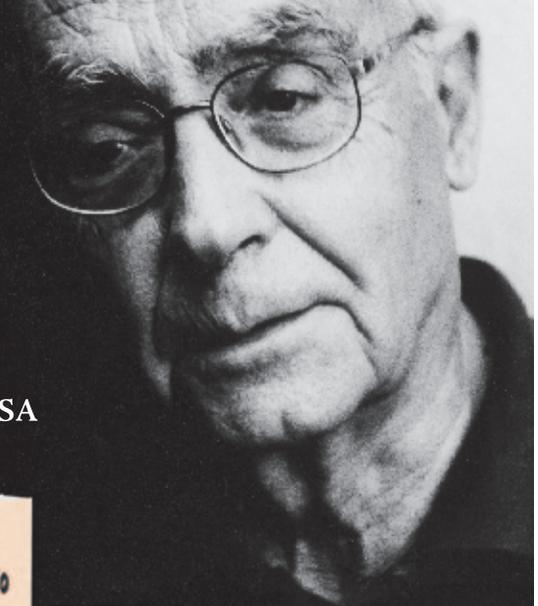


A Maravilhosa Viagem de Nils Holgersson, Selma Lagerlöf, Editora Educação Nacional



Mar, Sophia de Mello Breyner Andresen, Editorial Caminho

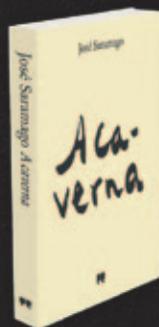
JOSÉ SARAMAGO



CALIGRAFIA DE CADA CAPA POR PERSONALIDADES DA CULTURA PORTUGUESA



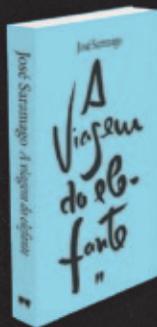
José Mattoso



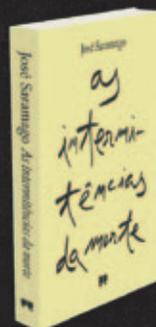
Eduardo Lourenço



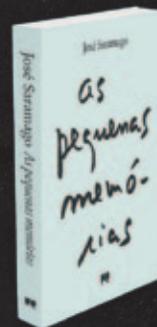
Armando
Baptista-Bastos



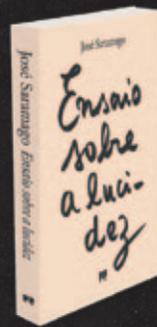
Mário de Carvalho



Valter Hugo
Mãe



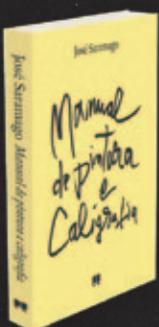
Gonçalo M.
Tavares



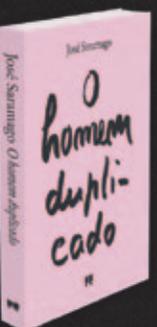
Dulce Maria
Cardoso



Álvaro Siza
Vieira



Júlio Pomar



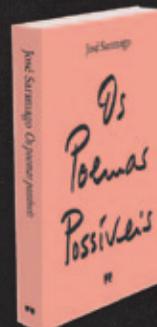
Lídia Jorge



Mía Couto



Maria do Céu
Guerra



Almeida Faria



Nuno Júdice



GERADOR

a levar a cultura
PORTUGUESA
A TODO O
lado

O GERADOR É UMA PLATAFORMA
DE ACCÃO E COMUNICAÇÃO
PARA A CULTURA PORTUGUESA.

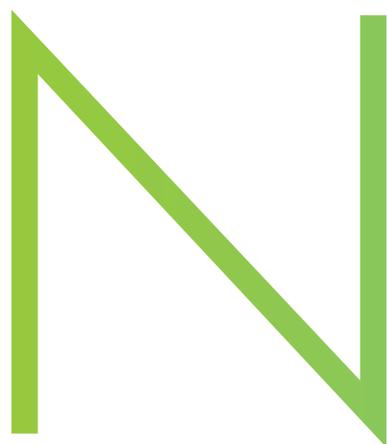
DESCOBRÉ-NOS EM GERADOR.EU

**BIBLIOTECA
E ARQUIVO
DE PONTA
DELGADA**

ANDREIA
BRITES

QUANDO SE ENTRA NA BIBLIOTECA PÚBLICA DE PONTA DELGADA NÃO SE IMAGINA TUDO O QUE LÁ SE GUARDA. INAUGURADA EM 2001, DEPOIS DE UMA PROFUNDA INTERVENÇÃO NO COLÉGIO DOS JESUÍTAS, A BPARPD – **BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO REGIONAL DE PONTA DELGADA** APRESENTA-SE COMO UM EDIFÍCIO AMPLO, ACESSÍVEL E CHEIO DE LUZ NATURAL. O QUE O LEITOR NÃO VISLUMBRA SÃO OS FUNDOS PARTICULARES QUE A BIBLIOTECA CONSERVA E QUE ALI CHEGARAM POR DOAÇÃO, LEILÃO OU AQUISIÇÃO. APESAR DE PODEREM SER VISITADOS, E ALGUNS DOS QUAIS ATÉ CONSULTADOS, A CIRCULAÇÃO APENAS SE FAZ NO ÂMBITO DE VISITAS GUIADAS, QUE ACONTECEM COM REGULARIDADE. PASSAR A PORTA DE VIDRO É UMA OPORTUNIDADE DE VIAJAR NO TEMPO, OBSERVANDO ESPÓLIOS SIGNIFICATIVOS PARA ALGUMAS FIGURAS DE DESTAQUE NACIONAL E REGIONAL.

Antero de Quental



o Campo de S. Francisco, em Ponta Delgada, um dos bancos guarda a memória do suicídio de Antero de Quental, uma das mais relevantes figuras da ilha micalense. O liceu leva o seu nome e o jardim fronteiro também. Antero é figura incontornável do século XIX, pela produção poética, teórica e filosófica. A sua intervenção cívica e ideológica, que teve como momento mais mediático as «Conferências do Casino», deixou nos seus contemporâneos lastros que chegaram à Primeira República. À

então Biblioteca Pública de Ponta Delgada, nascida por decreto um ano antes do seu nascimento, em 1841, Antero de Quental doou a sua própria biblioteca em testamento. Num magnífico móvel mandado fazer para o efeito, expõe-se uma parte junto ao corredor principal, de acesso a outras salas com coleções privadas.

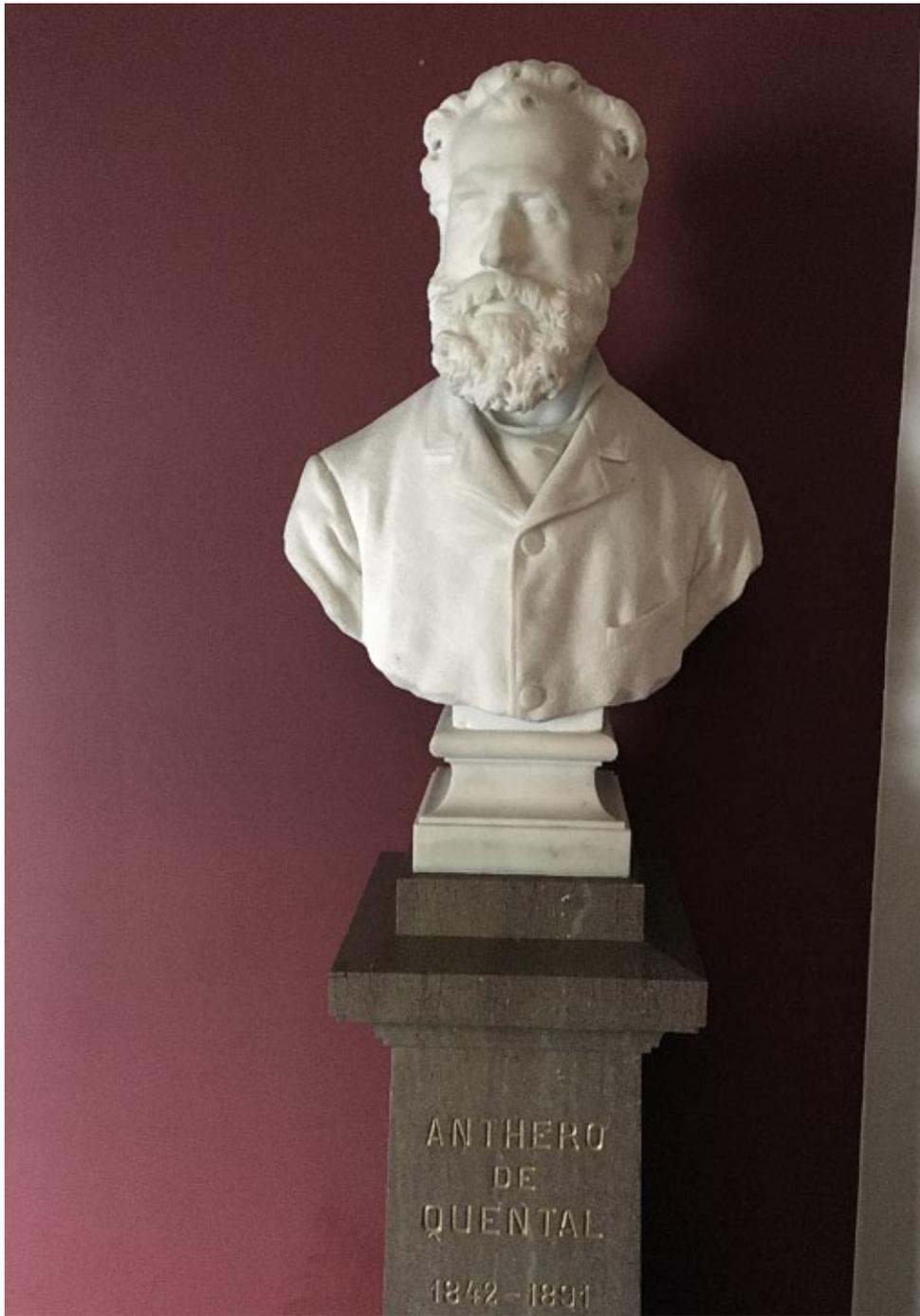
O paralelepípedo de madeira funciona como expositor em todas as faces, com prateleiras e portas de vidro fechadas à chave. Entre os títulos expostos e guardados em depósito são seiscentos e dois, um número modesto se comparado aos milhares da família Do Canto, por exemplo.

No entanto, o que aqueles livros têm de fascinante é o facto de terem sido efetivamente manuseados pelo poeta. Percorrer as lombadas implica associações imediatas: Schopenhauer e o

lado lunar da poesia anterior, Oliveira Martins, o grande amigo e companheiro ideológico, Eça de Queirós, seu contemporâneo e expoente máximo do romance oitocentista, escritores franceses, e não apenas os naturalistas, Victor Hugo, Voltaire, Baudelaire; os dois eixos fundacionais da cultura ocidental, a clássica com Homero, Platão e Virgílio e a teológica.

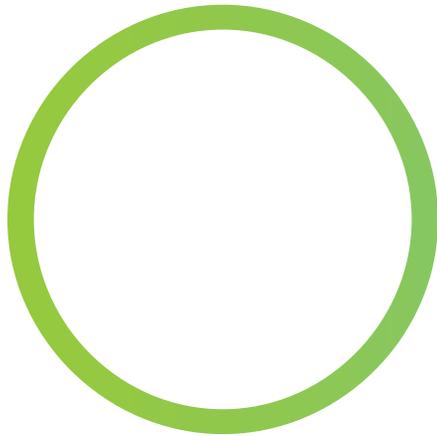
Apesar de curto em número de títulos, o fundo é diversificado. Não se limita às ciências sociais e humanas, nem à teologia. Zoologia, botânica e teorias biológicas também se encontram na estante, entre outros livros de viagens, direito, lexicografia, economia, filosofia social e política, geografia ou etnografia. *Nursery Rhymes* e *La Fontaine*.

Atravessando o corredor, em frente jaz um mistério em exposição: os sapatos com que o escritor foi a enterrar. Grandes e degradados, ali estão sem que se saiba ao certo como ali foram parar. A única certeza é que terão sido retirados ao defunto na altura da exumação do corpo. Antero mantém, mesmo aqui, uma certa aura de irónica tragicidade.





José do Canto



legado da família Do Canto sente-se ainda por toda a ilha de São Miguel. Família proeminente, detinha fortuna e negócios que alimentavam parte da economia local. José do Canto, filho da primeira mulher do morgado José Caetano Dias do Canto Medeiros, assumiu cedo a responsabilidade de administrar bens e terras por via do casamento arranjado com D. Maria Guilhermina Taveira Brum da Silveira. Ao contrário do pai, líder do movimento liberal em São Miguel e próximo de D. Pedro IV, nunca se vinculou à política. O seu interesse incidia sobretudo na administração das terras e nas formas de produção. O seu percurso pode ser traçado com algum rigor através do espólio, com cerca de 16 000 volumes, 1 500 cartas e 606 títulos de publicações periódicas que a BPARPD adquiriu em meados do século XX.

Nas estantes de uma das salas que é dedicada à sua livraria, e que também pertenceram a José do Canto, com as suas iniciais gravadas nos topos, podemos repetidamente encontrar livros sobre técnicas agrícolas, manuais, livros de botânica e de biologia. Consta no seu espólio um jornal onde se encontra uma fotografia de dois chineses que o administrador contratou para aplicarem em São Miguel o cultivo do chá. Com trajés tradicionais e uma longa trança, os dois

especialistas foram os principais responsáveis pela formação dos portugueses que introduziram o chá nos Açores.

A revolução levada a cabo por José do Canto ao nível agrícola não se ficou pelo chá. Também a ele se deve a introdução da plantação de ananás, adaptada às condições climáticas da ilha. Até aos dias de hoje, esta fruta continua a representar um valor significativo nos índices de exportações do arquipélago. A sua relação com a agricultura levou-o a fundar a Sociedade Promotora de Agricultura Micaelense e o periódico *Agricultor Micaelense*, que também se encontra nesta coleção e terá sido o primeiro jornal dedicado ao tema em Portugal.

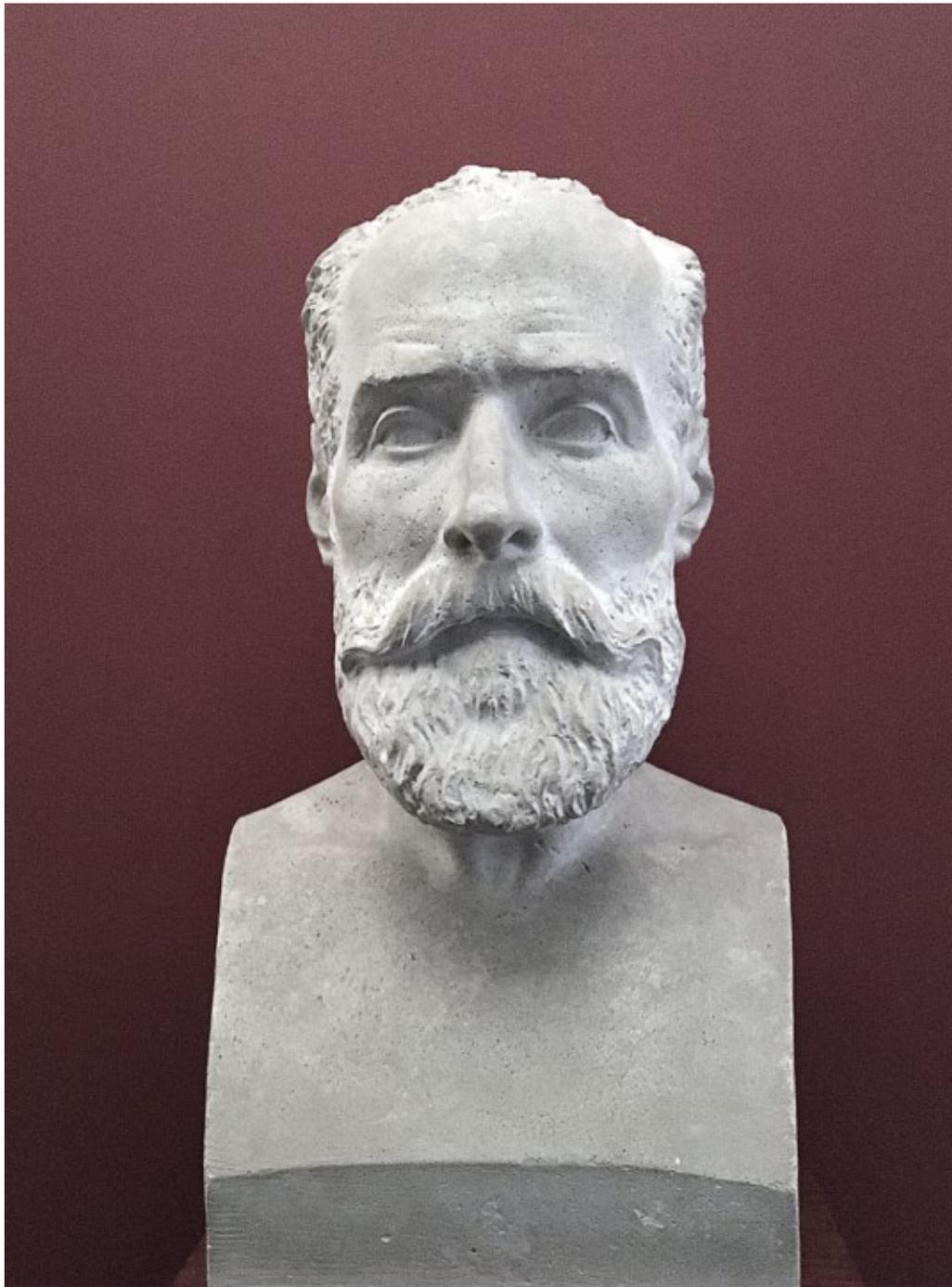
José do Canto tem também direito, à imagem de Antero de Quental, a nome de jardim. A grande diferença é que foi o próprio José do Canto que o idealizou, contratando um arquiteto inglês para realizar o projeto ao estilo vitoriano. A icónica camélia, que prolifera nas ilhas açorianas, chegou a São Miguel por sua iniciativa. Não é por isso exagero associar parte da identidade da ilha a esta figura, a mais fascinante da família e uma das mais representativas da história do século XIX português.

Ao contrário da biblioteca de Antero de Quental, a biblioteca de José do Canto não reflete apenas as suas leituras ideológicas ou profissionais. O bibliófilo colecionava livros. Por isso há primeiras edições de autores da literatura portuguesa do século XIX: Alexandre Herculano, Eça

de Queirós, Antero de Quental. Há dicionários de língua e pelo menos um de ciências matemáticas em francês, há tratados de agronomia, livros de cozinha e outros de viagens e cultura japonesa, indiana, chinesa.

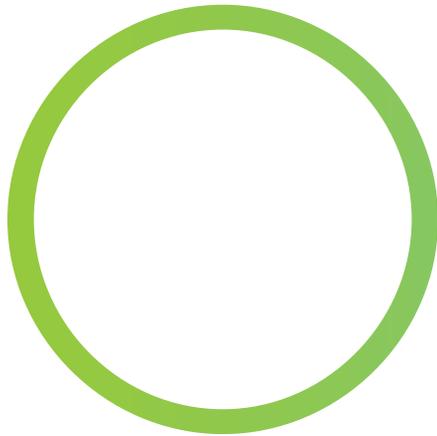
Mas também há livros de horas em miniatura. E sobretudo, José do Canto reuniu uma das maiores coleções camonianas nacionais, que incluem uma primeira edição portuguesa de *Os Lusíadas*, datada de 1572, e uma outra espanhola, de 1580, ambas com o nome do tipógrafo inscrito. As traduções da epopeia camoniana proliferaram: espanhol, alemão, francês, sueco, italiano, assim como bibliografia passiva de autores portugueses como Teófilo Braga ou António Feliciano de Castilho.

Devido à vasta rede de contactos com livreiros e alfarrabistas em Portugal e na Europa, atestada pela sua correspondência, José do Canto conseguiu reunir um fundo documental valiosíssimo, ao qual ainda fez crescer objetos de *memorabilia* camoniana (bustos, medalhas e pratos) que disponibilizou a par das suas edições nas comemorações nacionais do tricentenário da morte do poeta, em 1880. Foi aliás um dos seus organizadores.





Ernesto do Canto



espólio do irmão Ernesto partilha com o de José do Canto uma sala contígua, onde se vislumbram resquícios de um forno de assar peças de carne grandes, e dois nichos para velas ainda do tempo do convento jesuíta. Apesar de não ser tão diversificado nem tão raro, o fundo documental do filho mais velho do segundo casamento de José do Canto Medeiros espelha um interesse pela genealogia e pela bibliografia, essencial para o estudo da história açoriana. Foi ele quem compilou os doze volumes do arquivo dos Açores que narra toda a história do arquipélago desde a descoberta até à sua contemporaneidade. Editado entre 1878 e 1892, *Arquivo dos Açores, publicação destinada à vulgarização dos elementos indispensáveis para todos os ramos da História Açoriana* recolhe informações até hoje preciosas para todos os que investigam aquela geografia. Apesar de existirem edições atuais do Arquivo, a obra continua a ser muito procurada por investigadores. A esta recolha, Ernesto do Canto acrescentou ainda *Ensaio Bibliographico: catalogo das obras nacionaes e estrangeiras relativas aos sucessos políticos de Portugal nos anos de 1828 a 1834*, em 1888 e depois *A Biblioteca Açoriana*, em 1890, ambas de recolha e sistematização bibliográficas. Se José do Canto deixa um fundo de colecionador, Ernesto contri-

bui significativamente para a organização do estudo da história da comunidade. Deixa patente essa preocupação no testamento, quando manifesta a intenção de que todo o seu acervo fique junto, explicitando do que se trata: «os livros compreendendo impressos e manuscritos, os livros que comprei em leilão pertencentes à Alfândega de Ponta Delgada, as coleções de jornais açorianos, os meus cadernos de extratos, os volumes de genealogias do Doutor Gaspar Frutuoso, do Padre Manuel Luís Maldonado, etc. e bem assim muitos cadernos de extratos dos registos paroquiais de batizados, casamentos e óbitos.»

A juntar aos documentos referidos, Ernesto do Canto deixou cartografia vária, muitas revistas, de entre as quais uma coleção de *The Geographical Journal*, livros de literatura, de horticultura, almanaques e miscelâneas. As miscelâneas são verdadeiras preciosidades porque nestes cadernos separados por capítulos vivem autênticos blocos de notas impressos, dedicados aos mais diversos assuntos, de natureza política, profissional, pessoal, cultural. De um *Soneto à Revolução de França e os sucessos de Paris*, tudo ali cabe.

Teófilo Braga

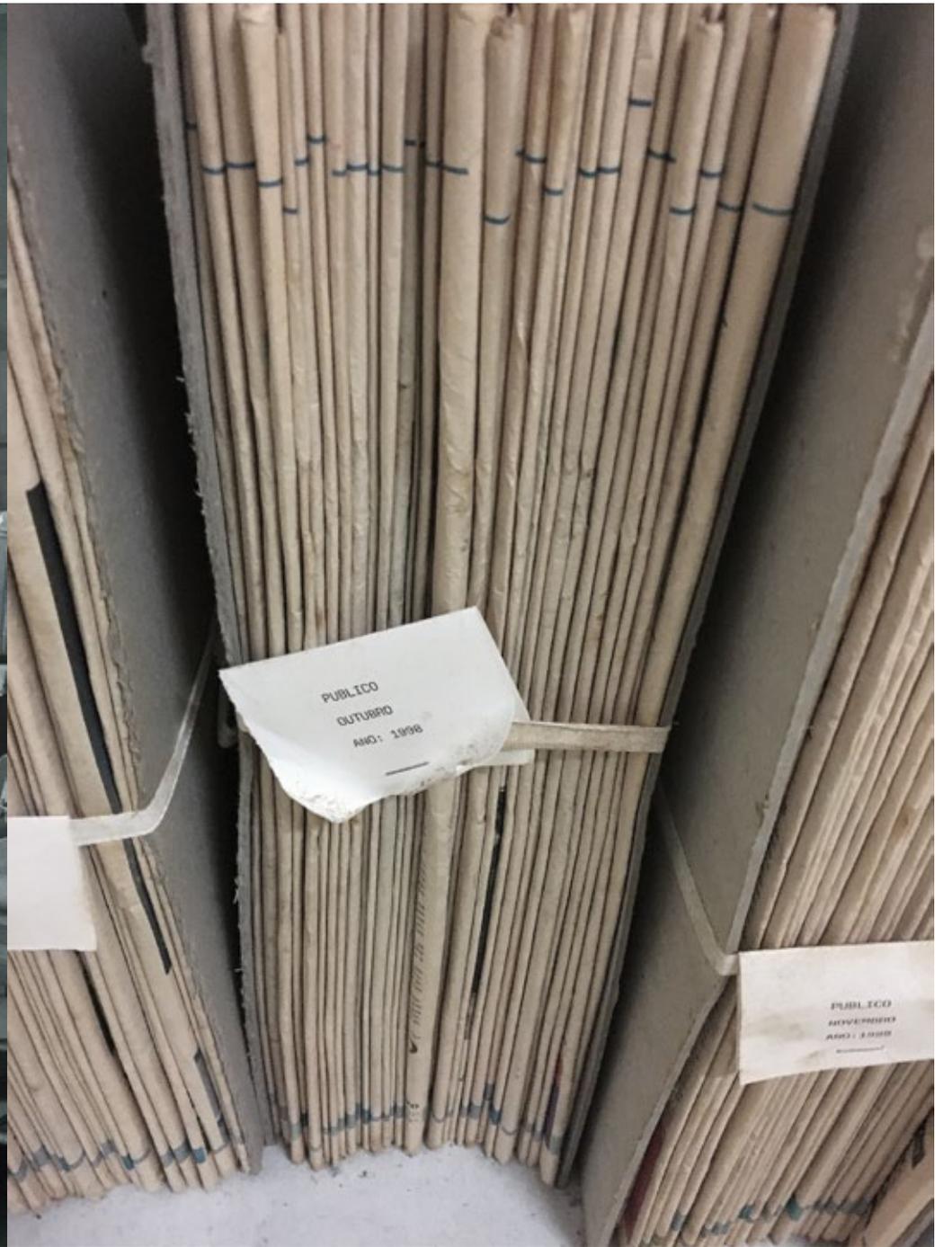
De regresso ao corredor, caminhamos para o próximo fundo particular. A nossa guia, Margarida Oliveira, justifica o porquê de merecer Teófilo Braga uma sala especial. Aconteceu por ocasião das comemorações do centenário da República, em 2010. Concebeu-se então um percurso biográfico dividido em quatro núcleos onde pudesse constar parte do fundo bibliográfico, alguns objetos e fotografias que integram o espólio do político e pensador republicano. A intenção do então diretor da BPARPD era a de estender o modelo às outras figuras de maior destaque, constituindo assim um percurso museográfico de acesso livre. Todavia, a difícil operacionalização financeira e de recursos humanos travou o projeto na sala dedicada a Teófilo Braga.

Do seu espólio, que foi adquirido pela BPARPD aos herdeiros em 1928, apenas se encontra exposta numa estante uma ínfima parte dos 10 000 títulos que constituíam a sua biblioteca. Os restantes estão devidamente acondicionados em depósito, tendo em conta a fragilidade de muitas edições brochadas, com capas de cartolina. O que a mostra pretende dar a conhecer é a história de um açoriano persistente que nasce numa família modesta, ao contrário dos seus contemporâneos ilustres que com ele partilham atualmente aquele espaço na Biblioteca. Todo o

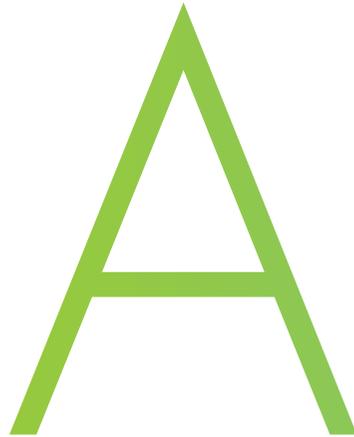
seu trajeto acadêmico e profissional foi duro e nada lhe foi garantido à primeira tentativa, nem na escrita nem na academia.

Os quatro núcleos apresentam títulos relevantes da obra literária, acadêmica e política de Teófilo Braga, entre os quais o primeiro livro de poesia, *Folhas Verdes* (1858), que edita ainda antes de partir definitivamente de São Miguel para o continente, em 1861. Nas vitrines encontram-se fotografias, cadernos de apontamentos, objetos esculpidos por si, uma edição de *Cancioneiro e romanceiro: colligidos da tradição oral* com uma capa que desenhou, uma medalha e um diploma que atestam a sua relevância em Academias nacionais e internacionais, entre outros pequenos detalhes. Para além dos livros que se encontram na estante e representam sumariamente os interesses literários (Luís de Camões, Bocage), históricos (Oliveira Martins e Michelet) e filosóficos (Darwin e Auguste Comte) do 2.º Presidente da República, uma vitrine destaca a sua própria produção através de nove primeiras edições, entre as quais *Visão dos Tempos*, um dos rastilhos que daria origem à Questão Coimbrã, *A ondina do Lago*, *Traços gerais da filosofia positiva* e *História universal: esboço da sociologia descritiva*.

A reprodução ampliada de uma fotografia de Teófilo Braga à secretária, captada por Joshua Benoliel, fica como imagem paradigmática da figura que tinha livros, muitos livros, para usar, trabalhar e pensar.



O depósito



té aqui a visita foi em tudo semelhante à que Margarida faz a grupos, maioritariamente escolares. Muitos professores aproveitam a oportunidade para introduzir o século XIX, uma corrente político-filosófica ou literária.

Mas a nossa guia levou-nos aos bastidores da exposição e da biblioteca. Atravessando um outro corredor, numa ala claramente mais antiga, de tetos baixos, apanhámos o elevador que serve o depósito. Margarida escolheu o andar e saímos. Por trás de uma porta corta-fogo abria-se uma ampla sala com mais de uma dezena de corredores separados por estantes totalmente preenchidas. Estávamos no depósito.

A primeira paragem fez-se para observar alguns livros dos Conventos, os primeiros títulos a chegar à Biblioteca Pública aquando da sua fundação. Constituíam o património bibliográfico confiscado às ordens religiosas quando, por ordem do Marquês de Pombal, estas foram extintas. Muito deste fundo dedica-se à teologia e pensamento religioso, estendendo-se ao direito canónico, à filosofia, à história e à literatura clássica, com seria expectável. O fundo, contabilizado em 1852 em cerca de 10 000 volumes, contempla um grande número de edições de livro antigo (entre 1501 e 1800), dos quais dois são incunábulo. A ausência de cuidados de

preservação de muitos livros antes de chegarem à Biblioteca Pública degradou o papel, impossibilitando a consulta e até o manuseamento de alguns títulos.

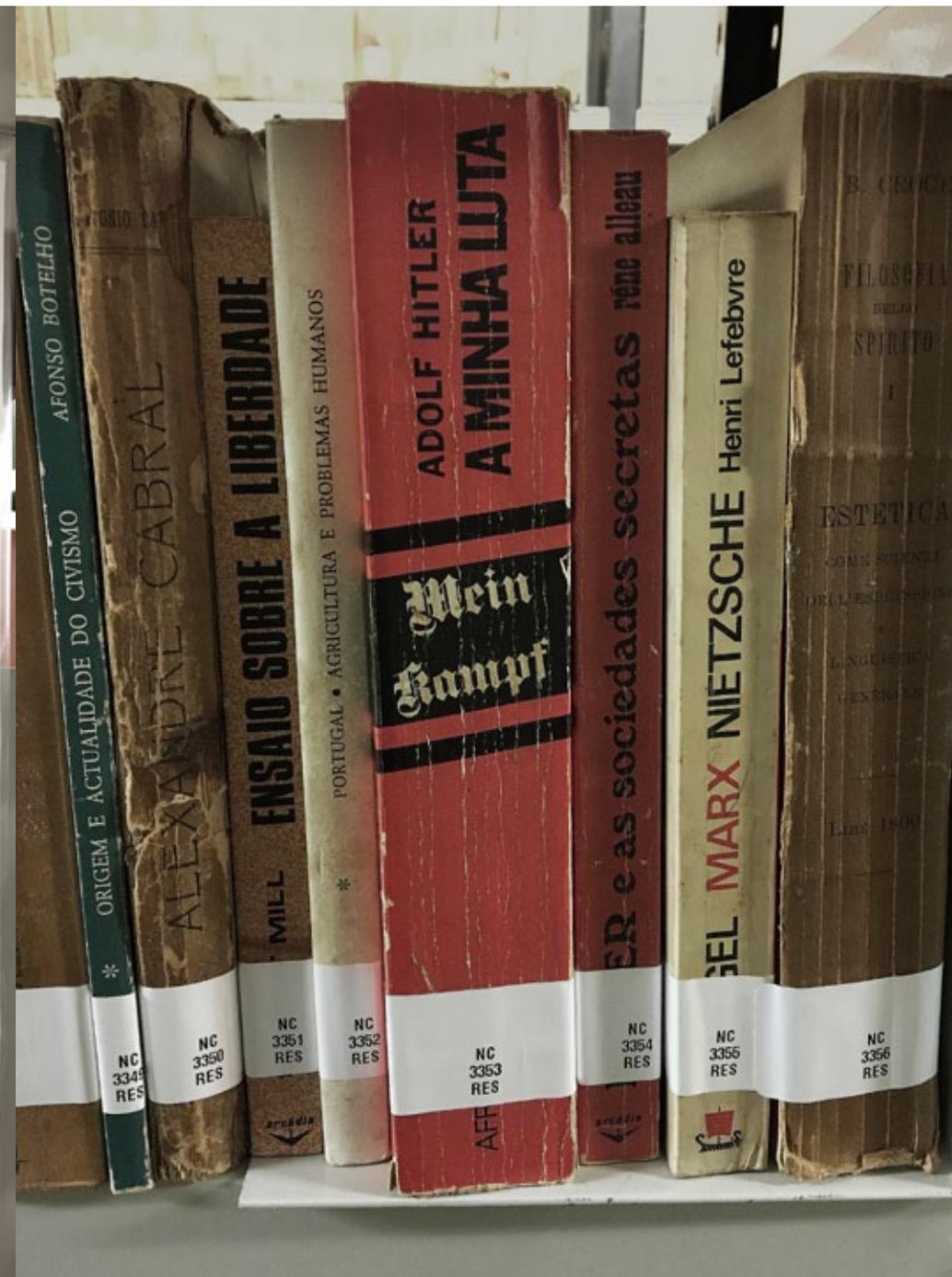
Seguimos entre corredores estreitos e largos em busca do irmão menos notável da família Do Canto. Lá estava ele, representado com a cota Eug. C., designando o seu primeiro nome, Eugénio. Parte do fundo é semelhante ao dos irmãos e as áreas de interesse tocam-se, se excetuarmos as mais técnicas, nomeadamente dedicadas à agricultura, pelas quais Eugénio não tinha interesse profissional, visto ser professor. Destacou-se sobretudo por publicar obras, em fac-símile ou edição moderna que se encontravam em bibliotecas europeias e diziam respeito a Portugal, muitas das quais referentes ao final da Idade Média e à Renascença: a *Epístola*, que D. Manuel escreveu ao Papa Leão X, a propósito da campanha de Afonso de Albuquerque em Malaca, impressa em Roma em 1514; *Alegações feitas contra os portugueses a favor dos reis de Castela e Leão, pelo Bispo de Burgos*; *Carta de el-rei D. Afonso IV ao papa Clemente XI*; ou ainda *Relação da viagem aos Açores feita pelo Conde de Cumberland em 1589*. Ainda Milton, João de Deus, Dante e Darwin, aquisições incontornáveis para uma biblioteca culta no século XIX.

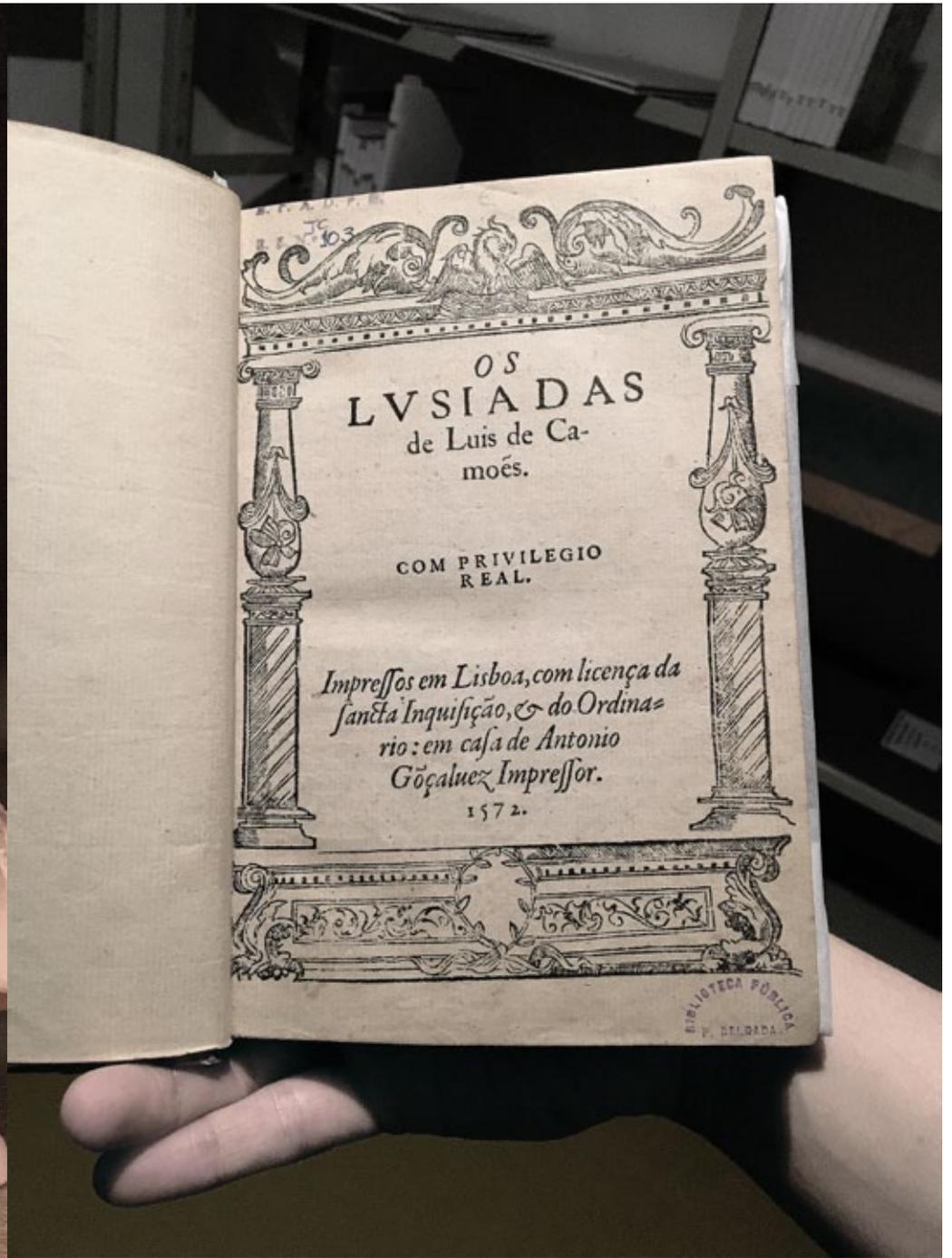
Avançando, íamos consultando, na cabeceira das estantes, a quem correspondiam as iniciais que encontrávamos na lombada dos livros. As figuras são várias, como José Bensaúde ou Bor-

ges Coutinho, político opositor ao regime salazarista. Há médicos, advogados, empresários, militares, muitos dos quais contemporâneos, entre meados do século XIX e início do século XX. Bensaúde era, aliás, amigo de Antero de Quental, assim como o era Eugénio do Canto.

Até que encontramos a personalidade que nos merece um olhar mais demorado: Natália Correia. O que acontece agora é uma sensação de proximidade e reconhecimento mais imediato. Dos mais de dez mil títulos, não é difícil identificar edições recentes e autores vivos. Claro que há Ovídio, Novalis, Virginia Wolf, D. H. Lawrence, Aldous Huxley... E o polémico *Mein Kampf*, numa tradução portuguesa entretanto desaparecida, que provoca um arrepio. Depois há os portugueses, entre os quais Antero. Há Pessoa, Almada, David Mourão-Ferreira, Jorge de Sena, Alexandre O'Neil, José Saramago, Vitorino Nemésio, Pedro Homem de Mello. E muitos outros. Ainda há Natália Correia, evidentemente. Mas tudo é de agora, de ontem. Mesmo os textos antigos existem em edições modernas. O século XX não tem o mesmo impacto, depois da solenidade de um passado marcado no amarelo das folhas, na tipografia gravada e na pele das capas, na própria ortografia.

| COTA CONV | COLUNAS | LIVRARIAS |
|-----------|---------|-----------------------------|
| EUGC | 1-85 | LIVRARIA DOS CONVENTOS |
| TM | 87-110 | EUGÉNIO DO CANTO |
| JB | 110-123 | TEMUDO MACHADO |
| MJC | 123-128 | JOSÉ BENSAÚDE |
| JC | 128-136 | MARQUÊS JÁCÔME CORREIA |
| JBC | 137-166 | JOSÉ DO CANTO |
| TB | 166-167 | JOSÉ BRUNO CARREIRO |
| NC | 168-220 | TEÓFILO BRAGA |
| EC | 220-252 | NATÁLIA CORREIA |
| ACR | 252-262 | ERNESTO DO CANTO |
| JMA | 262-296 | ARMANDO CORTES RODRIGUES |
| | 297-309 | JOÃO MARIA DE AGUIAR |
| | 310-317 | BRUNO CARREIRO, médico |
| | 318-319 | MR. ROBERT HAYES |
| JSS | 320-324 | JOÃO DOS SANTOS SILVEIRA |
| | 324-328 | MR. HEWITT FLETCHER |
| CF | 328-334 | CONDE DOS FENAIS |
| EU | 334-336 | EUGÉNIO PACHECO |
| NP | 336 | NORMAS PORTUGUESAS |
| SF | 337 | SENA FREITAS |
| | 337 | JOANNE PURCELL |
| OR | 337-338 | OLIVEIRA RODRIGUES |
| JGV | 340-344 | JORGE GAMBOA DE VASCONCELOS |
| BA | 345-347 | BOTELHO DE ANDRADE |
| ABC | 348-361 | BORGES COUTINHO |
| MA | 362-387 | MOTA AMARAL |
| CRF | 397-400 | CRISTIANO FÉRIN |





O Cofre

Para o fim estão guardadas as joias da coroa. Já não há coroa, mas há joias, que datam do seu tempo. Agora junta-se a Margarida, que integra a equipa socioeducativa e de serviço de referência e tratamento técnico na área infantojuvenil, Francisco Silveira, do serviço de referência e tratamento técnico da biblioteca, e caminhamos para o Cofre.

Chegou a hora de vermos um exemplar da primeira edição de *Os Lusíadas* que obviamente não partilha a estante com os outros volumes na livraria de José do Canto. A capa já se perdeu mas o interior continua em excelente estado de preservação, se pensarmos que distam quase 450 anos da sua produção. No entanto, distingue este exemplar de outro, depositado na Biblioteca Nacional de Portugal, a inclinação de um pelicano que, no topo da página do título, nesta se inclina para a direita enquanto na outra o faz para a esquerda. Desde há vários séculos que reina a polémica em torno de alterações textuais e tipográficas entre cópias da mesma suposta edição, alimentando-se dúvidas em relação à participação do autor numa eventual revisão, à intervenção do tipógrafo ou à pirataria.

Uma outra edição, impressa em Salamanca, em 1580, será provavelmente a primeira tradução da epopeia camoniana para a língua castelhana. De ambas nada se sabe, apenas que o bibliófilo conseguiu algures adquiri-las e que não restarão muitos exemplares idênticos.

Outro livro antigo de valor inestimável é a primeira edição de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, dada à estampa em Lisboa, depois da morte do escritor pícaro.

Já a história da crónica de Fernão Lopes sobre a descoberta da Índia guarda uma irreverência valiosa. O exemplar de *História do descobrimento & conquista da Índia feita pelos Portugueses* faz parte de uma edição destruída a mando do Rei, por relatar alguns factos que este considerava errados ou imprecisos. Em seguida, Fernão Lopes deu ao prelo uma segunda edição, em dez volumes, que logo na capa se assume como emendada e acrescentada, tal como se pode verificar num exemplar da Biblioteca Nacional. Por isso, a edição que se guarda no cofre da BPARPD é um dos raros volumes que sobreviveram à destruição forçada.

Para o final ficou o manuscrito de Gaspar Frutuoso, o *ex libris* da identidade açoriana. Datado do século XVI, este é um relato na primeira pessoa sobre a viagem exploratória pelos arquipélagos da Madeira, das Canárias e dos Açores. Em todas as ilhas dá conta do quotidiano das famílias que encontra, da sua genealogia e das dificuldades e agruras sentidas pelas comunidades.

Saudades da terra é um manuscrito de grande dimensão, muito bem registado numa caligrafia perfeita. Apesar dos cuidados do autor, a obra não chegou a ser publicada antes da sua morte, o que alguns associam à crise da sucessão e à tomada do reino pela dinastia filipina. O padre jesuíta deixou a obra ao cuidado dos irmãos da Ordem, precisamente no Colégio. Com

a expulsão da ordem da ilha, o volume passou para as mãos de famílias que nunca o imprimiram. No entanto, conseguiram-se impressões parciais a partir do século XIX. Finalmente, já em pleno século XX, a obra foi doada à BPARPD e impressa na sua totalidade.

Quando fala de Gaspar Frutuoso, Margarida entusiasma-se, não apenas com a delicadeza estética da composição caligráfica, mas com a história que narra. Como se vivia em ilhas que ora entravam em erupção ora sofriam tremores de terra? O contexto era pródigo para grandes emoções, terrores vários, crenças e imediatismos. Disso dá conta o padre jesuíta em diversos episódios, um dos quais Margarida reconta a título de exemplo. É uma intriga romanesca próxima dos romances de cordel. Um par enamorado encontrava, na sua terra natal, em Santa Maria, grande resistência à sua união e decidiu partir. Um amigo juntou-se ao casal e levou-os de barco até São Miguel. A dada altura a relação entre o trio complicou-se com o terceiro elemento a cair de amores pela moça. Quando aportaram os dois homens ter-se-ão desavindo e um matou o outro. A moça desolada e revoltada correu a contar aos passageiros de nova embarcação que chegava à ilha. Estes decidem erguer um tribunal logo ali e ainda mais depressa decidem a sentença de morte para o assassino que é em seguida enforcado.

História de faca e alguidar é narrada com a prudência do historiador: «Não sei se é verdade...»

URSOS

ANDREIA
BRITES

Com a primavera chegaram **três novos ursos** às livrarias. Cada um com as suas características, todos procuravam algo, e todos conseguiram encontrá-lo, o que é notável. *A Blimunda* seguiu-os e deu com uma galeria de outros pares que habitam algures em livros infantis.

VAMOS À CAÇA DO URSO!

O Urso que não era (Bruaá) passa por uma experiência de alienação identitária, provocada pelos agentes do poder, aqueles que corrompem, formatam e desacreditam.

Quando acorda da sua hibernação e sai da gruta que escolhera para o efeito, o urso dá-se conta de que não reconhece o local onde está. O leitor já foi informado de que a floresta se convertera numa fábrica enquanto o urso dormia. Acontece que quando o animal tenta manifestar o seu desejo de sair dali, ninguém lho permite, negando-lhe a identidade e obrigando-o a trabalhar. O facto de o discurso se repetir ao longo da hierarquia de poder na fábrica só reforça o absurdo da situação, desacreditando o automatismo das palavras proferidas. O que se altera entre andares é o crescente fausto dos gabinetes, onde aumenta o espaço e as secretárias.

Todavia, a ironia suprema dá-se quando outros ursos afirmam convictamente que o protagonista não é, obviamente, um urso, porque não está nem no jardim zoológico nem no circo.

Apesar de todas as vicissitudes, o urso não desiste dos seus instintos e da sua identidade. Em suma, não se verga. Neste clássico de 1946, Frank Tashlin oferece ao leitor uma profunda parábola sobre a identidade, a individualidade e a sociedade. Mordaz e absurda pelo exagero caricatural das personagens com quem o urso se cruza, a narrativa associa humor e ironia numa composição que remete para o filme mudo.



O Urso que não era

VAMOS À CAÇA DO URSO!

Coincidência feliz, a história de **Baltazar, o Grande** (Orfeu Negro) começa precisamente num circo. O protagonista, respeitado violinista do circo, é obrigado a abandoná-lo quando este deixa de fazer sucesso. Ora Baltazar não conhecia outra vida, outros lugares, nem sabia onde encontrar-se. A viagem parecia ser a única saída para alguém que não tinha para onde ir. A bússola, o papagaio e a mochila são companheiros quase inseparáveis e icônicos de aventuras fantásticas, dos tempos dos piratas às estradas que se fazem à boleia. Todavia, como em qualquer viagem, algo sempre se perde pelo caminho, porque a viagem do urso não é necessariamente a viagem do papagaio. As agruras da solidão ou o êxtase da novidade fazem parte do processo e Baltazar, com os óculos de quem observa com uma lentidão degustativa, parece assimilar tudo. Finalmente, na descoberta da viagem, redescobre-se encontrando alguém igual a si, que toca violino sem lhe ser imposto numa comunidade feliz. Nesta edição original da Orfeu Negro, a sul-africana Kirsten Sims questiona com singela simplicidade o lugar da identidade para além daquilo que nos habituámos a reconhecer como nosso. Quem somos e com quem nos identificamos? Somos realmente livres?



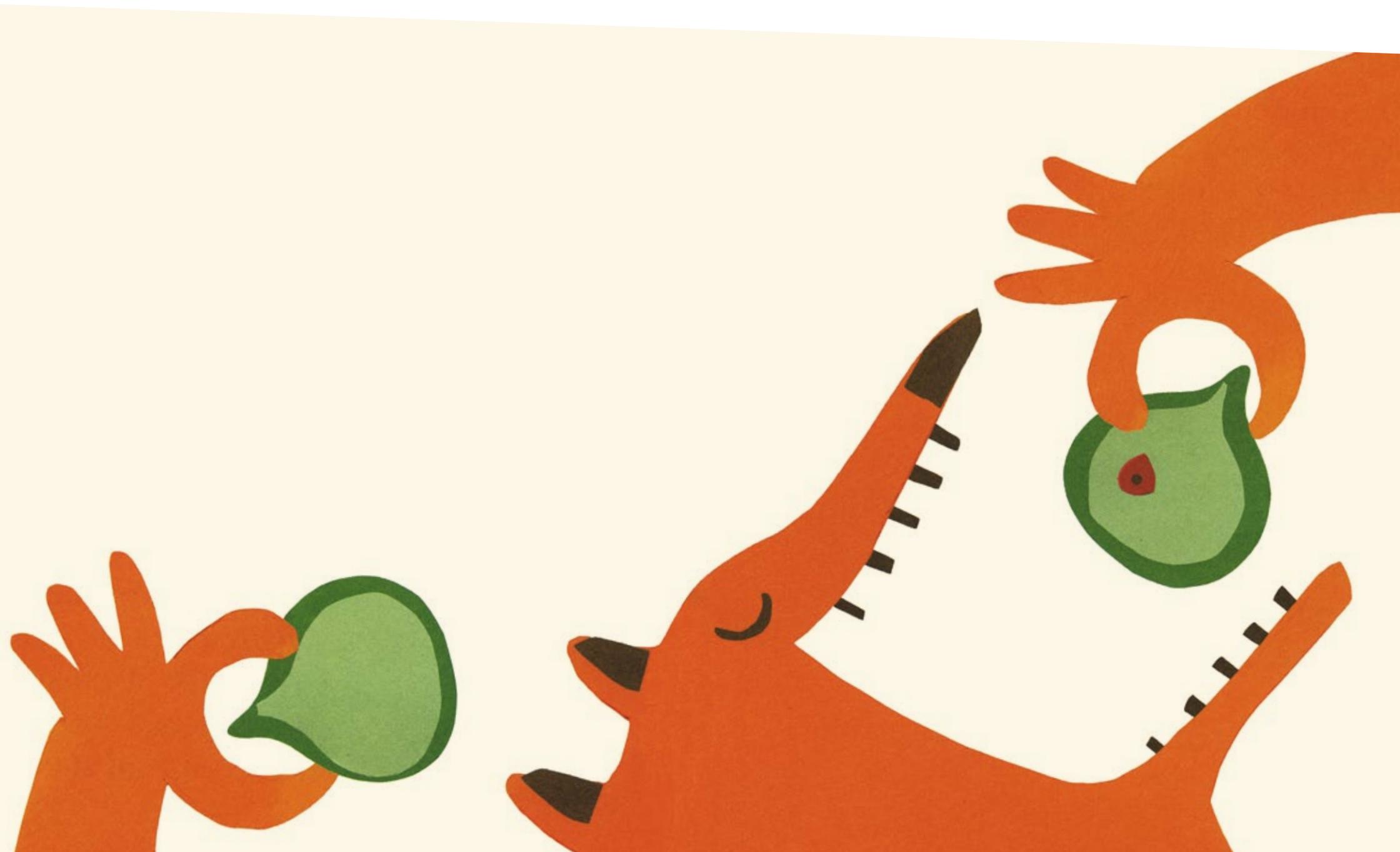
Baltazar, o Grande

VAMOS À CAÇA DO URSO!

Onde começa e acaba a nossa liberdade, é uma das questões morais mais relevantes para o funcionamento social. João Gomes de Abreu escreve, em ***Os figos são para quem passa*** (ilustrações de Bernardo Carvalho, Planeta Tangerina) uma fábula em que o urso tem o papel principal. Nesta cosmogonia a tentação não é uma maçã mas uma figueira cheia de figos suculentos que apelam ao paladar do protagonista. Acontece que o seu desejo põe em causa toda uma estrutura social. O princípio era tão simples quanto utópico: tudo é de todos. Quem passa colhe e não guarda porque noutra lugar haverá mais.

Mas a tentação sempre espreita e o urso quer comer figos. Então decide esperar. A estrutura repetitiva amplia o sacrifício do ursídeo que sempre que se encontra na iminência de conseguir realizar o seu desejo o vê servir de degustação a outro animal que naturalmente colhe o fruto, sem sequer se dar conta da sua tremenda e progressiva angústia. Nada, no decorrer da acção, dá pistas ao leitor de qualquer sentido moral, prova ou castigo. O desenlace contudo progride para uma outra solução, que não a antinómica que se traça no início, e a narrativa fecha com uma vontade de partilha que nasce do conflito entre o urso e a lagarta. Já não se trata da máxima tudo é de todos e sim o que é meu também pode ser teu. Parece de pouca nota, mas é uma total alteração no paradigma moral.

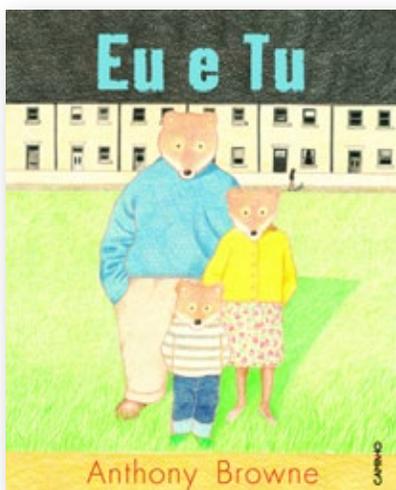
Os figos são para quem passa



Três ursos, três dilemas que relacionam a individualidade com o outro, e questionam o respeito e os limites da lei e da liberdade. Nas suas distintas figurações estéticas, os ursos têm em comum o facto de nunca fazerem uso da sua força ou tamanho e de se apresentarem com expressões cómicas e ingénuas, em que a surpresa se manifesta com tremenda convicção e veracidade.

UMA GALERIA DE FERAS

SEGUNDO A SIMBOLOGIA CELTA, O URSO ESTÁ ASSOCIADO À CASTA DOS GUERREIROS. MAS, NA LITERATURA INFANTIL, O PAPEL DO URSO NÃO PASSA TANTO PELA EXIBIÇÃO DESSA FORÇA E MAIS PELA ASSOCIAÇÃO À CRIANÇA, QUE MUITAS VEZES O VÊ COMO OBJETO DE TRANSIÇÃO. ALGUNS SÃO AINDA MUITO JOVENS, CURIOSOS E INGÉNUOS. OUTROS DENOTAM A SAPIÊNCIA E A SENSIBILIDADE PRÓPRIA DO CONHECIMENTO E DA EXPERIÊNCIA. ENCONTRAMOS NOVE URSOS QUE O PROVAM. E TODOS HABITAM CLÁSSICOS DA LITERATURA INFANTIL.

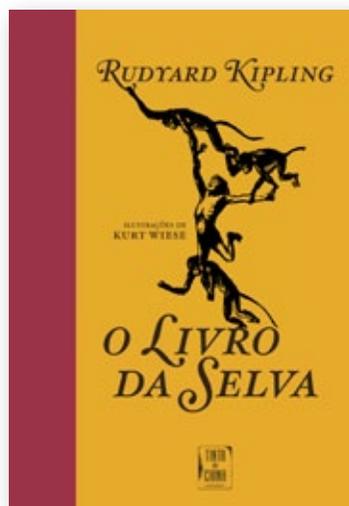


Eu e tu

Anthony Browne

Caminho

O conto tradicional que o inglês Robert Southey fixou no século XIX celebrizou os três ursos na sua condição hierárquica, um paradigma moral da família. A argúcia crítica de Anthony Browne desconstrói a narrativa e apresenta dois modelos de família, o da menina que vive com a mãe num bairro degradado e se perde de amores por um balão que voa e o dos três ursos em que a mãe é mais corajosa do que o pai, apesar de manterem os tradicionais interesses de género: o trabalho para o pai e a casa para a mãe.



O livro da Selva

Rudyard Kipling

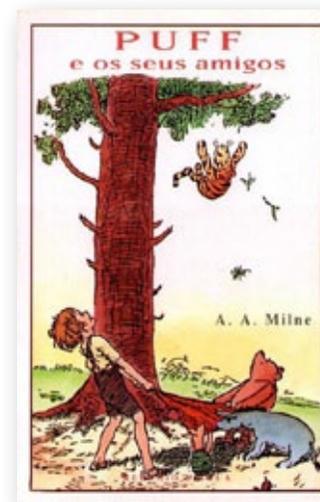
Tinta da China

Os Livros da Selva

Rudyard Kipling

Relógio d'Água

Balu é o urso que tutela a sabedoria, sinónimo de experiência, idade e ponderação. Atua como preceptor e mentor de Mogli e nele reside muitas vezes o atenuar de castigos que Baguera quer aplicar ao filhote de homem por desrespeito às leis da Selva. Assume as limitações que a velhice lhe impõe e dedica-se quase em exclusivo ao seu pupilo, que adotou como filho.

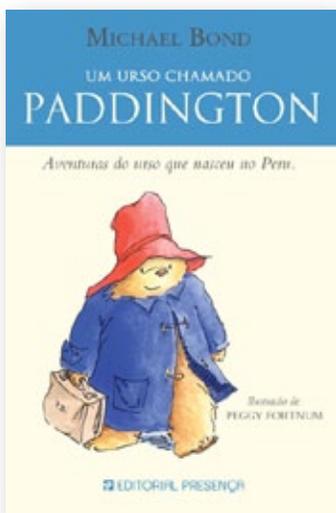


Puff e os seus amigos

A. A. Milne

Relógio d'Água

Um clássico da fantasia, adaptado e readaptado, narra o quotidiano bucólico e os desafios do dia a dia de um urso e dos seus amigos. As relações entre as várias personagens, as descobertas que fazem e os obstáculos que ultrapassam são a matéria para uma narrativa muito leve, cheia de humor, em que a lógica absurda dos diálogos se destaca. O ursinho Puff (Winnie-the-Pooh) é o elemento central do grupo, dando ordem à desordem criada por si.



Paddington

Michael Bond

Presença

É provavelmente o urso mais famoso da Grã-Bretanha, apesar de ter nascido no Peru. A série de pequenas histórias protagonizadas por este urso ingênuo, distraído e generoso descrevem sempre episódios de humor. Paddington tem o dom do equívoco discursivo e do acidente físico, mas a sua disponibilidade para o outro acaba por resolver cada questúncula ou incidente a contento. Muitas personagens se lhe assemelham, e todas representam o mesmo: a liberdade e simplicidade da infância, sempre surpreendente e feliz na descoberta do mundo e do outro.



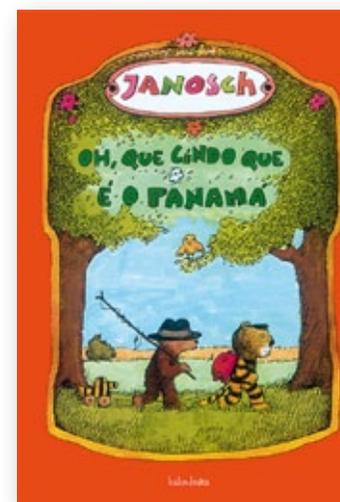
Vamos à caça do urso

Michael Rosen

e Helen Oxenbury

Editorial Caminho

De entre todos os títulos que constam desta galeria, este é o único em que o urso se apresenta como um animal feroz. Um álbum para a primeira infância, numa estrutura paralelística e circular, convida o leitor para uma sonoplastia improvisada que amplia a aventura de uma família à procura do urso. No final, estabelece-se uma ambiguidade que serve o imaginário e a memória emocional.

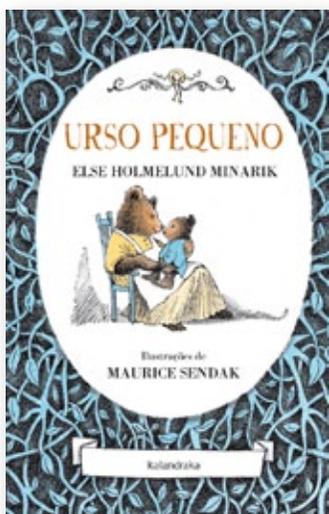


Oh, que lindo que é o Panamá

Janosch

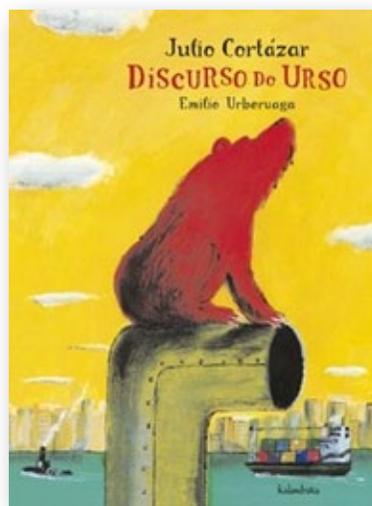
Kalandraka

Uma história de amizade entre um urso e um tigre, assente em equívocos e ingenuidades que alimentam de forma cômica o tema sério da amizade. Saudade, confiança, responsabilidade, partilha e respeito são alguns dos valores principais que norteiam esta relação, paradigma mais do que saudável da amizade.



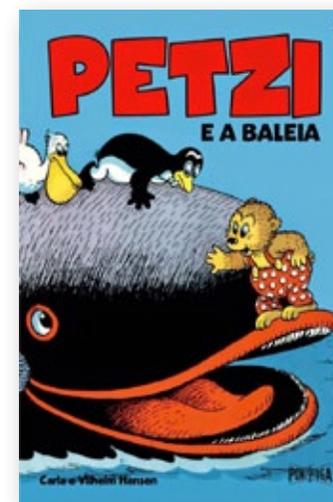
Urso Pequeno **Else Holmelund Minarik** **e Maurice Sendak** **Kalandraka**

A coleção de pequenos contos que tem como protagonista este urso antropomorfizado narra os pequenos nada do cotidiano destacando as relações afetivas que os celebram. A visita aos avós, um aniversário, uma tarefa para cumprir, um jogo ou um desafio, com a mãe, o pai ou os amigos. Mais uma vez, o urso aparece fortemente associado à criança, na sua ingenuidade e curiosidade pelo mundo.



Discurso do Urso **Julio Cortázar** **Kalandraka**

Não é o urso infantil, ingênuo ou destemido. É um urso que zela pelos habitantes de um prédio circulando entre as tubagens do edifício e contribuindo para o bom funcionamento dos vários equipamentos. Perspicaz, o Urso faz da matéria da sua observação os humanos e disserta sobre as suas vidas, que lhe parecem solitárias e tristes. Em contrapartida, o Urso vive poeticamente cada momento do seu quotidiano.



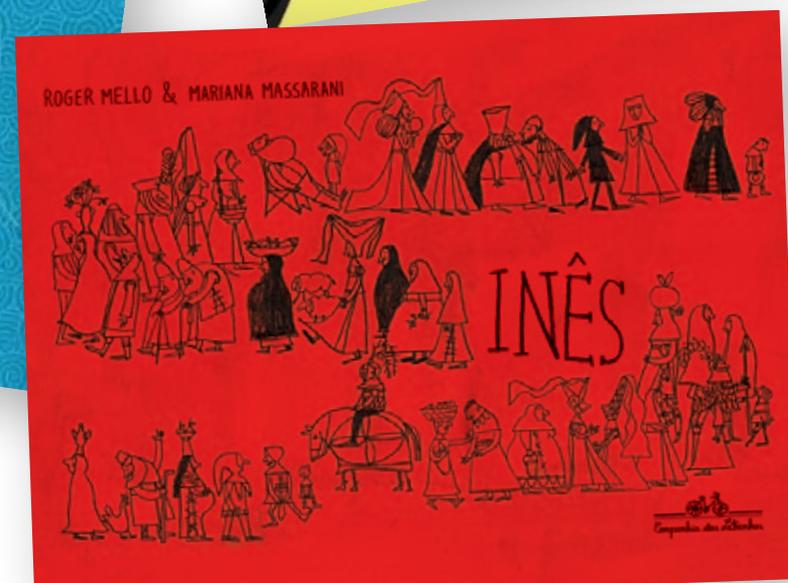
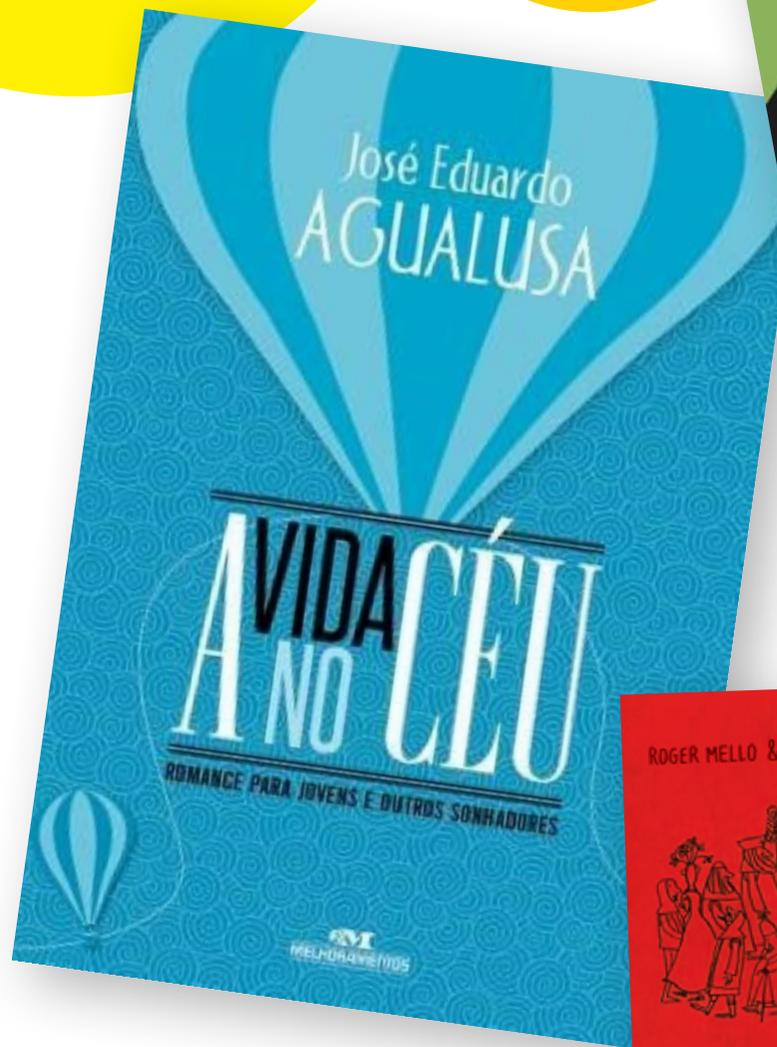
Petzi **Carla e Vilhelm Hansen** **Ponto de Fuga**

O jovem urso Petzi é o protagonista desta coleção de Banda-Desenhada que relata uma epopeia em capítulos. Histórias de aventura e descobertas, onde o vilão não tem lugar. Em compensação o leitor acompanha o ursídeo marinheiro e os seus amigos na sua relação de cumplicidade e curiosidade. Equívocos, acidentes e soluções engenhosas vão desfilando intercaladas pelas célebres panquecas.

AND THE WINNER IS....

PRÉMIOS FNLIJ

Existem desde 1975 e distinguem os melhores livros de recepção infantil e juvenil editados no Brasil no ano anterior. Na edição deste ano Roger Mello foi distinguido na categoria Criança Hors Concours pelo livro *Inês*, escrito por si. Ana Maria Machado, outra das autoras com mais de três prêmios FNLIJ atribuídos ao longo dos anos, também mereceu distinção Hors Concours na categoria de Reconto pela obra *Histórias Russas*. *Meia Hora para Mudar a Minha Vida*, de Alice Vieira e *A vida no céu: romance para jovens e outros sonhadores*, de José Eduardo Agualusa ganharam na categoria de Literatura em Língua Portuguesa.



BOFONNA

VISITA GUIADA

DO LVR

ANDREIA BRITES

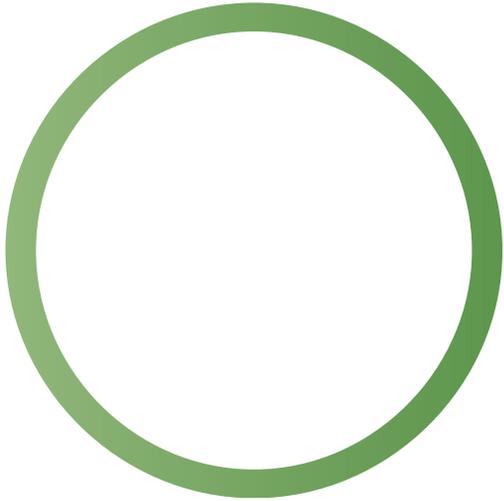
VISITA GUIADA: OFICINA DO LIVRO

Este é o quarto gabinete que ocupa desde que a Oficina do Livro passou a integrar o Grupo Leya. Como vizinha tem Carla Pinheiro, editora infantojuvenil da D. Quixote. A separá-las, a parede de pladur já permite a Rosário Alçada Araújo ter mais espaço do que quando partilhavam a sala. Não se trata de privacidade, até porque a editora trabalha muitas vezes de porta aberta, vendo e deixando-se ver e ouvir por quem passa no corredor ou quem circula entre as outras secretárias do *open space* onde trabalham colegas de comunicação, revisão e produção de várias editoras do grupo.

O gabinete é totalmente branco, com vidro nas duas paredes mais compridas. A neutralidade do espaço é em quase nada beliscada pela editora, que apenas elege alguns objetos pessoais, poucos e discretos. O que salta à vista são os seus livros. A própria Rosário Alçada Araújo confessa que o seu papel de editora muitas vezes se sobrepõe emocionalmente ao de escritora. «Quando falam nos meus livros, penso logo nos que edito e não nos que escrevo.» Por isso os defende e os apresenta como pequenos tesouros. Os mais recentes estão em exposição na bancada atrás da secretária: Roal Dahl, Enid Blyton, Condessa de Segúr. Mas também Margarida Fonseca Santos e Maria João Lopo de Carvalho, Susana Cardoso Ferreira, Alice Vieira.

Rosário vai pegando num e noutra livro e discorrendo sobre ele. Do quanto gosta de Dahl e está contente por poder editá-lo. Ou de como o seu maior desafio foi editar *As Novas Aventuras no Colégio de Santa Clara*, que a portuguesa Sara Rodi escreveu seguindo a lógica de Blyton e foi escrutinado pela Hachette, que detém os direitos sobre tudo o que se relaciona com a escritora inglesa. Enquanto percorre a prateleira Rosário depara-se com um dos títulos da coleção «Charlie e Lola» que editou em Portugal. «Um amor antigo...»

VISITA GUIADA: OFICINA DO LIVRO



seu primeiro título foi *O H perdeu uma perna*, com texto de Ana Vicente e ilustração de Madalena Matoso. A escritora, falecida em 2015, é para si um exemplo de tudo o que tem de bom editar: Ana Vicente discutia o texto, sugeria e ouvia. «Como fazem as pessoas inteligentes», comenta Rosário Alçada Araújo enquanto folheia o livro.

Aquela exposição revela uma história, que enquadra todo o gabinete e apaga a fronteira entre a imensa vidraça sem estores onde bate o sol e de onde se consegue acenar aos colegas e o branco dos armários fechados, das prateleiras e da secretária. Ao canto, uma planta que Rosário trouxe de uma escola é o apontamento natural do espaço.

Um leitor que uma amiga lhe ofereceu quando entrou para a Oficina do Livro ainda mantém a sua utilidade na revisão de provas, que se acumulam na bancada sob os livros expostos. Algumas das provas já são antigas mas a editora oferece relutância em deitá-las fora. Gosta de as manter por perto para qualquer eventualidade. A fazer-lhes companhia uma miscelânea de livros estrangeiros, recebidos para apreciação e eventual compra de direitos e outros, portugueses, de outras editoras da Leya.

Podia colar posters, postais, fotos nas paredes. Não há nenhuma razão para o fazer, nem para o não ter feito. Podia ter os desenhos das filhas de amigas mais expostos, ou o postal que Alice Vieira lhe enviou em 2008. Estavam noutra sítio no anterior gabinete e quando mudou ficaram ali. Não se trata de manter tudo impessoal. Para Rosário, o mais pessoal são os seus livros e os seus autores, que não se cansa de elogiar. «Adorei trabalhar com ela» terá sido uma das frases que mais vezes repetiu na nossa visita. Os seus objetos são, a cada passo, os livros que rouba e recoloca na longa prateleira.

Descoberta







id
eme 27

FOR **BIG** MISTAKES





um saltinho a Lisboa

texto - ISABEL ZAMBUJAL ilustrações - JOÃO FAZENDA

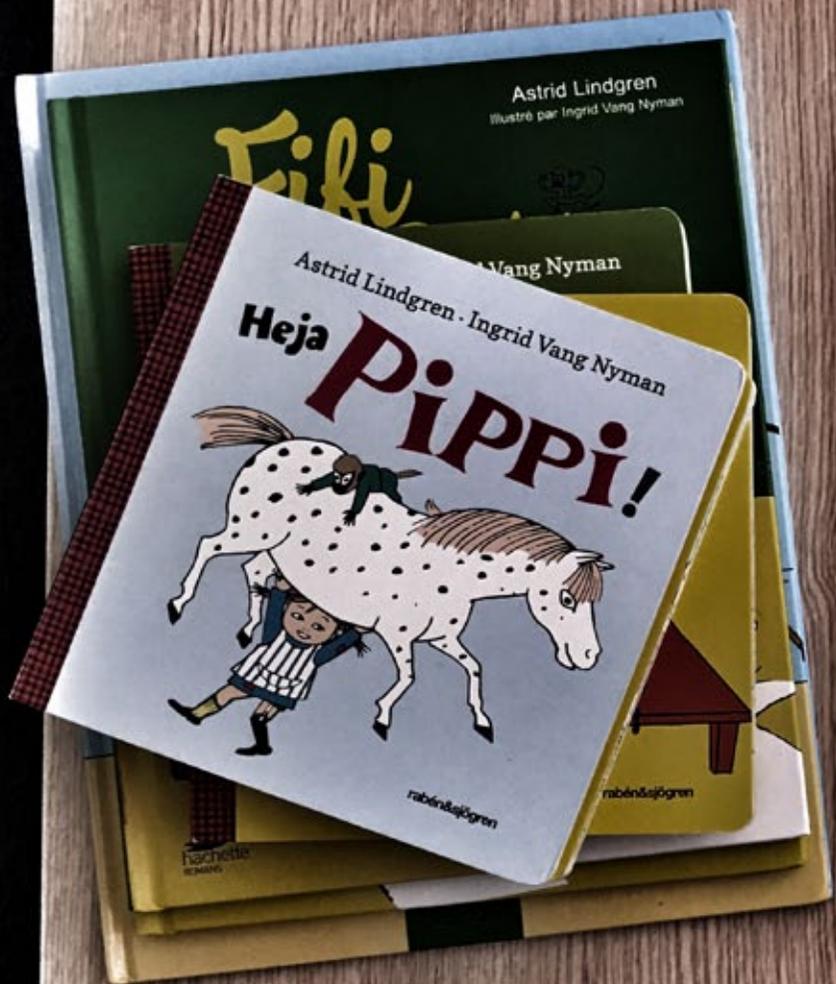


visita guiada
por Rosa, a menina
que quando for grande
quer morar no
Castelo de S. Jorge.

LeR⁺

PLANO NACIONAL
DE LEITURA

OFICINA
DO LIVRO



Alice Vieira

CONTOS DE ANDERSEN

para Crianças sem Medo

Ilustrações
Carla Nazareth





... 2710
...
ÃO DE
DANTE
SANTA CLARA



OS GEMEOS

...
ÃO DE
DANTE
SANTA CLARA



OFICINA
DO LIVRO

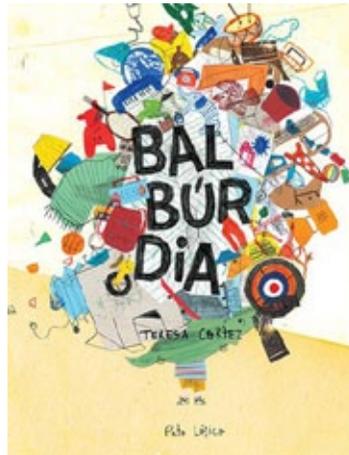
Até onde pode chegar a desarrumação no quarto de uma criança? Várias experiências depois, texto e imagem já o retrataram de diversos ângulos, todos coincidentes no estado caótico do espaço. Teresa Cortez recuperou o *topos* no mais recente álbum da coleção, *Imagens Que Contam*, da Pato Lógico.

Com uma subtil mestria, a ilustradora cria um cenário em que a balbúrdia, adjetivo que dá título ao livro, se apresenta em diversos estádios. Expectável processo, tendo em conta a ilustração da capa, na qual um monte de objetos se acumula e encaixa num equilíbrio suspeito. Assim que o leitor abre o livro, as guardas iniciais dão-lhe acesso ao que parece ser o ponto de partida para o caos da capa: um quarto onde brinca uma criança. Já há potencial para a desgraça, mas ainda tudo coexiste ordeiramente, e até as linhas de comboio que jazem separadas, as formas geométricas que se supõe serem de madeira ou a bola de basquete no chão parecem estar bem.

Mas logo aqui há um desassossego em potência provocado pela distinta apresentação do espaço na capa.

Teresa Cortez não dá tréguas e logo na página dupla seguinte, a do título, nova ilustração estabelece uma primeira aproximação ao caos. O chão começa a ficar coberto de brinquedos, na cama descansam peças de roupa, bolas e peluches e a criança já não se entretém a conduzir um avião pelo ar: salta agora em cima da cama com uma almofada na mão. O que se segue são passos de uma construção: todos os elementos

Balbúrdia **Teresa Cortez** **Pato Lógico**



se vão aproximando e conjugando numa nova forma, que inclui não apenas os brinquedos e os desenhos do petiz como a sua roupa e a própria mobília. Em simultâneo, o rapazinho parece estar abstraído na sua própria brincadeira, ora dentro de uma casa ora a desenhar. A certa altura, quando termina o desenho e se vira, o protagonista abre a boca de espanto. Nada mais normal. Até este momento, o detalhe da ilustração capta essa despreocupação das crianças que as alheia de coisas que efetivamente não lhes interessam. A arrumação e a ordem

estão, na maioria dos casos, no top ten dessa indiferença. Há uma aproximação ao comportamento infantil que começa nos elementos que compõem o quarto e contam, de alguma forma, quem é aquele menino, e se completa com os movimentos da personagem.

Só por isso, e pela técnica mista que envolve lápis de cor, colagem, carimbo e uma profusão de traços que contribuem para a textura dos objetos e para um sentido de desordem, o álbum valeria a pena.

Mas, o que acontece neste momento em que o menino olha pela primeira vez para aquela sobreposição de tudo o que compõe o seu quarto é que o seu olhar alcança mais do que um simples aglomerado de tralha. A Balbúrdia ganhou forma, com uns óculos de mergulho, um segmento de linha férrea, uma luva, uma raquete, umas meias e um skate: é um monstro com braços e pernas que sorri.

A partir daqui uma nova narrativa se desenrola, entre a raiva, o medo e a alegria. Numa lógica circular, o menino reencontra na Balbúrdia a companhia que sempre encontrara nos objetos que a compõem e por fim, mais relevante do que a inevitável e precária arrumação, é a reciclagem da brincadeira, a permanente capacidade de olhar para o outro como algo mais, seja um monstro que amedronta ou que se deixa dominar.

Teresa Cortez consegue o pleno: uma aproximação ao universo infantil que o respeita com a subtilidade irónica e surpreendente que só os livros inteligentes conseguem ter.



Um rapaz vê-se forçado a abandonar o seu animal de estimação, um raposo que dá pelo nome de Pax. Assim começa a intriga da novela que Sara Pennypacker faz acontecer num ritmo mais lento do que o desejado. Não por razões de tédio e sim por uma urgência que perpassa em toda a narrativa, na perspectiva dos seus dois protagonistas: a do reencontro. Por isso cada passo que um dá na direção oposta ao outro, ou cada acidente que lhes impossibilita a progressão soam como uma prova a ultrapassar. A lentidão significa resiliência, sacrifício e transformação. Os capítulos dão voz, numa estrutura intercalada, ora a Peter, o rapaz, ora a Pax, o raposo. Esta paralelística não se limita à sucessão de capítulos, manifesta-se com mais agudeza na evolução psicológica das personagens que é, no fundo, o elemento central de toda a narrativa.

Do ato inicial, o que rompe com a cumplicidade entre o menino e o animal, nascem dúvidas, culpas e necessidades. Se Peter rapidamente se dá conta, em casa do avô para onde foi obrigado a ir pelo pai, que cometeu um erro em aceitar a sua imposição e traiu o seu melhor amigo, Pax demora a aceitar o abandono a que foi votado por aquele que lhe tinha salvo a vida, ao resgatá-lo ainda bebê.

A partir daqui ambos definem um plano que sustentam com uma esperança inabalável. Peter decide partir em direção à entrada da floresta, a centenas de quilómetros de casa do avô, onde acredita que Pax esperará por si. Pax, por seu turno, não quer abandonar o local, acreditando no regresso do jovem.

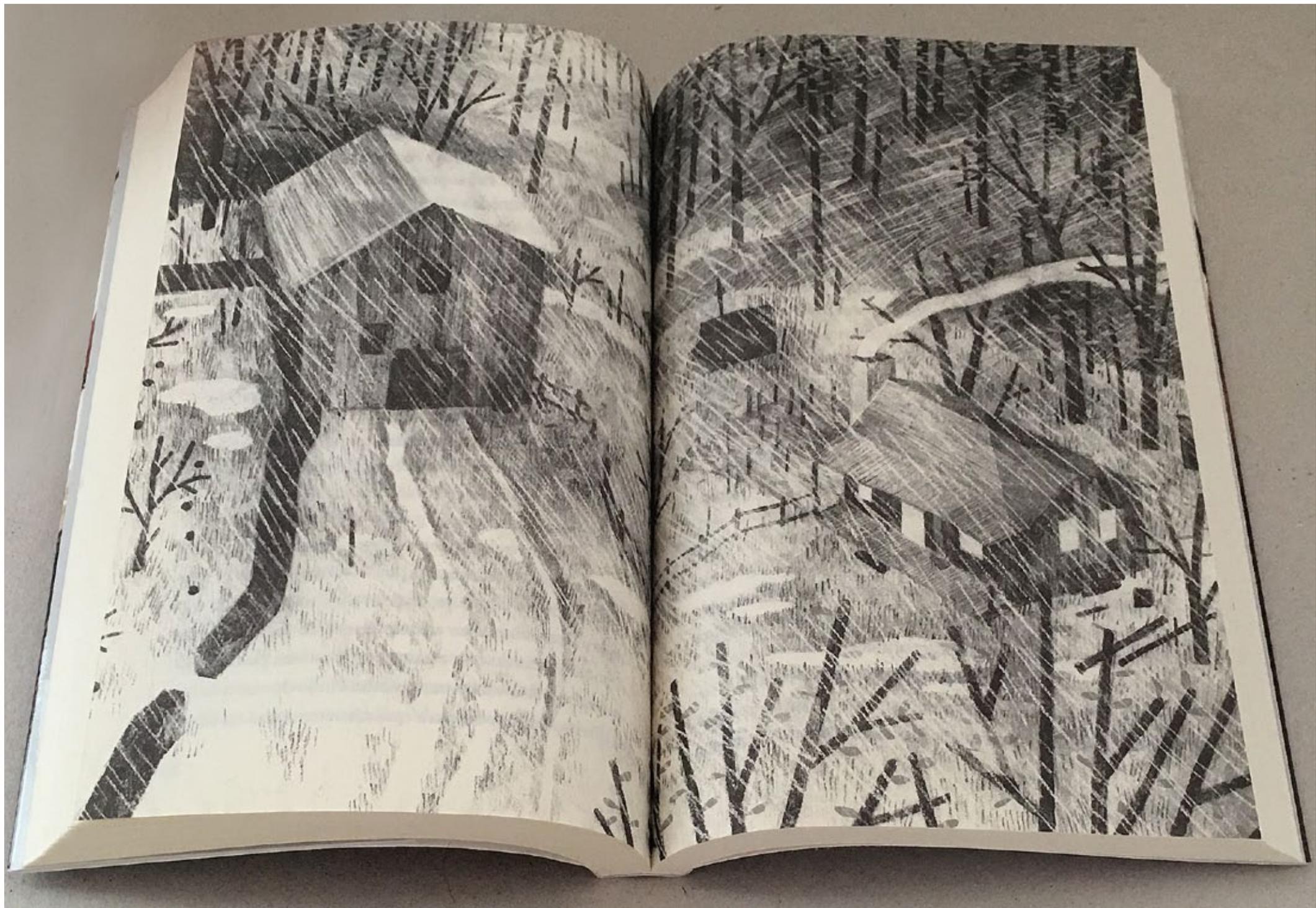
Pax
Sara Pennypacker
ilustrações de Jon Klassen
Booksmile



Acontece porém, como em todas as viagens iniciáticas, que o caminho nunca se faz em linha reta, sequer em constante progressão. A viagem implica acasos, imponderáveis, acidentes. Sucessos e fracassos. Peter é confrontado, na sua solidão inicial, com as suas memórias, as da mãe e a culpa pela discussão anterior ao acidente que a vitimaria mortalmente. O pai, a figura turbulenta que o aterrorizava sem o acarinhar, não batia certo com a fotografia do menino ao lado do seu cão, que Peter descobrira em casa do avô. E a guerra, razão para todos os males e todas as separações. Pax, por seu turno, vê-se confrontado com a

sua condição de animal selvagem, quando a necessidade básica de sobrevivência o obriga a procurar alimento e não o encontra, porque nunca caçou. Encontrar um raposo mais jovem e observar a sua relação com a irmã e outros elementos da pequena alcateia levam Pax a iniciar um processo de autoconhecimento. Pela primeira vez corre até querer parar, e dá-se conta que as almofadas das suas patas não estão calejadas. Os sinais de alerta chegam até si da mesma forma que chegam às outras raposas mas a confiança nos humanos torna-o perigoso aos olhos dos pares. O paralelismo acontece quando Peter se vê forçado a conviver com uma mulher traumatizada pela guerra que se culpabiliza numa rotina diária de eremita, com sacrifício físico e emocional. Contudo, a sua dureza converte-se em partilha e questionamento, dando a Peter uma nova perceção do mundo, pelos desafios que lhe propõe dia após dia. O acordo entre ambos sela uma honrabilidade que acaba por salvá-los da culpa.

O final não surpreende mas não desilude porque há a moral inevitável e uma suspensão do futuro que o leitor sente necessidade de ver cumprido. Embora não seja uma novela sobre a guerra e sim sobre os valores mais altos da aprendizagem, da crença e da auto-superação, tudo o que relata, quer através da experiência de Vola, das questões de Peter sobre o pai ou daquilo que Pax observa, ganha um sentido simbólico muito relevante. O contexto não é aleatório e a guerra é aqui o contraponto à amizade de Peter e Pax. O título da novela reitera essa antinomia como valor essencial.





SOMOS BIBLIOTECAS PÚBLICAS. MUNICIPAIS. DE TODOS.

CAMPANHA DE PROMOÇÃO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

www.somosbibliotecas.pt



facebook.com/somosbibliotecas



twitter.com/somosbiblio



associação portuguesa de
bibliotecários, arquivistas e documentalistas

saramaguiana

CANAL
DA CRÍTICA
DE MÁRIO
CASTRIM

DIÁRIO DE LISBOA, 18 DE SETEMBRO DE 1974

José Saramago: não necessita de apresentação

De tão poucas pessoas se poderá dizer que o estilo é o homem como de José Saramago. A poesia rigorosa, a palavra firme, a frase inflexível até chegar ao seu fim: eis, mais do que a expressão de um estilo, o retrato de um homem. Um rosto anguloso e duro, um olhar em lâmina de aço, a tranquilidade que envolve uma inquietação – e, subjacente a tudo isso, uma ternura que de súbito irrompe – eis, mais do que o retrato de um homem, a expressão de um estilo.

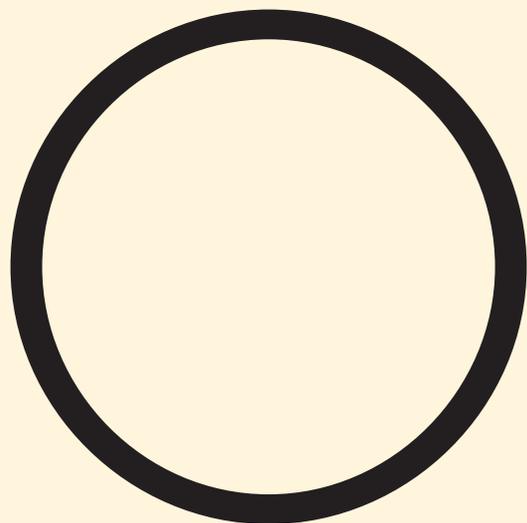
Quem apenas conhecer José Saramago pelos editoriais que, durante dois anos, escreveu para o *Diário de Lisboa* (diariamente, repare-se, facto que, na Imprensa portuguesa, e se tivermos em linha de conta o nível de qualidade dessa colaboração, não se pode deixar de assinalar) não conhecerá toda a sua capacidade de escritor, ignorará a sua poesia, os seus contos, as suas crónicas – mas terá uma noção da seriedade, da responsabilidade que assume, como artista, em tudo quanto escreve. José Saramago joga-se todo no poema que há-de sair, em bronze, num livro para amanhã, como todo se joga na pequena crónica, pequena joia, para o *Jornal do Fundão*, como se joga inteiramente no comentário político que, pela sua unidade e coesão, pelo seu carácter de bloco sem brecha, muitas dores de cabeça causou aos seus censores: estes, se queriam cortar uma frase ou uma palavra, não raras vezes enfrentavam a situação de um texto visivelmente mutilado, situação demasiado incómoda porque denuncia a unha censória. A força dos artigos de José Saramago era essa: o leitor percebia logo a intervenção nem que fosse de pequena cirurgia.



A ausência dos editoriais de José Saramago, em período tão difícil como o das últimas eleições, empobreceu demasiado o nosso jornal e a luta antifascista que então se desenvolvia. Enfim...

Tenho-o agora à minha frente. Uma hora da tarde. No televisor, para onde os meus olhos se encaminham como que num abraço. Que terá, forçosamente, de se repartir por José Saramago e José Carlos de Vasconcelos. Ambos nos mostraram, ao longo do tempo, que realmente *escrever é lutar*.

Escrever o quê?



estilo é o homem, claro. José Saramago não vem, não viria nunca à televisão, para fazer flor, para se mostrar. A mesma serenidade que põe num poema, numa crónica, num comentário, põe-na igualmente numa simples entrevista de televisão. Num programa de pouca audiência, a uma hora ingrata. José Saramago pouco se importa com isso e até nesse ponto nos dá exemplo.

Importantes são os pontos que transporta para a nossa meditação, não por mera ginástica, mas porque são problemas que, neste momento, dizem respeito ao seu ofício de escritor e ao seu ofício de cidadão. Escrever, sim: mas o quê? De que maneira pode o escritor contribuir para que o povo melhor se arme na sua luta pelo futuro? Como há-de o escritor sair do limitado círculo dos seus três mil livros, para se integrar completamente, para se jogar a fundo, no combate de oito milhões de portugueses?

Cada escritor encontrará a melhor resposta para estas questões, a resposta que melhor se quadra com o seu temperamento, com as suas aptidões. Alguns (e José Saramago está entre esses) concorrerão com artigos e crónicas na imprensa diária, ao encontro, portanto, de mais vastas camadas de público. Outros repousarão de seus poemas ou romances indo ao encontro das pessoas vivas dos campos ou das fábricas, para uma actividade de mútuo enriquecimento ou esclarecimento – e entre esses José Saramago se inclui. Outros ainda empregarão seus tempos livres no fortalecimento dos laços entre os escritores, lutarão pelo seu sindicalismo – e ainda nesse campo, como director da Associação Portuguesa de Escritores, José Saramago faz sentir a sua acção. Sendo certo que ainda lhe fica tempo para pensar e escrever seus livros, para ser entrevistado na televisão e para a labuta do ganha-pão de cada dia que se faz, como se sabe, em cada hora.

José Saramago aponta decididamente para a responsabilidade do escritor enquanto cidadão e político. O momento histórico que atravessamos exige uma data de sacrifícios a cada um de nós. O trabalho miudinho de fazer a rede para apanhar dias é inimigo, quantas vezes da actividade profunda que ultrapassa os limites da brevidade quotidiana. Muitos são os escritores que experimentam o impacte da hora. Muitos são os que pensam que, em presença da gravidade do momento, nada do que escrevem se justifica. O romancista, por natureza não de literatura imediatamente comprometida, verifica na prática o interesse galopante do público pelas obras políticas ou que aí vão ter directamente: consomem-se toneladas de vintecincos de Abril, de polícias políticas, de reportagens em cima da hora, de ensaios de sindicalismos, de divulgações filosóficas, etc., etc., o escritor de

BRUNNEN

AG

literatura não directamente comprometida sentir-se-á segregado, sei lá, se calhar até há-de temer publicar obra que não seja do género de servir quente...

A minha esperança é que os nossos escritores, aqueles que o são visceralmente e não são capazes doutras actividades, não se deixam enredar perigosamente nessa teia. A literatura pode não atender a objectivos imediatos: o valor de uma literatura não se mede necessariamente pela imediatividade do seu consumo, geralmente até muito pelo contrário. A história da literatura é fértil em exemplos de escritores que enriquecem mais o nosso conhecimento do homem ou de uma época, sem se comprometerem gritantemente do que outros que fizeram grande espalhafato. Há uma grande diferença entre montar a hora e ser montado por ela.

Uma política, uma ideologia, uma certa visão histórica, compromisso com a verdade podem servir-se de várias maneiras. Entre as quais: escrever com longa duração.

Alguns aparos, como o que escreve esta crónica, rangem o seu ofício miudinho que não dá para mais. Faz o que deve, fazendo o que sabe. Outros, como o de José Saramago, conseguem dar perenidade ao que, aparentemente, nasceu com data marcada para morrer.

Daqui o saúdo, rosto severo e bom, numa televisão que durante tantos e tantos anos o ignorou, em paga do seu desprezo. Daqui saúdo em José Saramago a força do intelectual que o fascismo não conseguiu vencer.

Homem de opinião homem de qualidade. A quem é bom chamar amigo.



Casa Fernando Pessoa



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada.
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.
(El descuento es válido por 10 días)



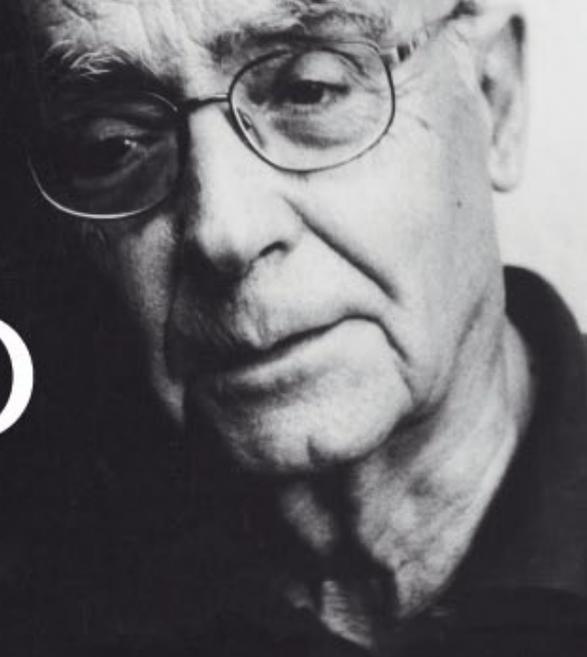
Casa Fernando Pessoa
Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
1250-088 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



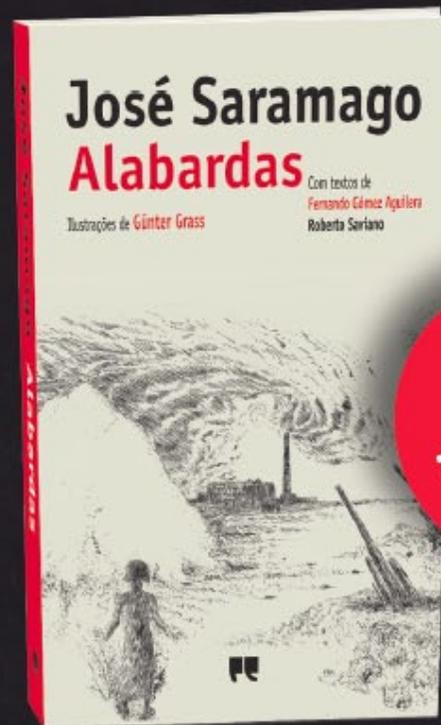
Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10
1100-135 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040
josesaramago.org

O PRÉMIO NOBEL PORTUGUÊS CONTINUA VIVO

JOSÉ SARAMAGO



**ALABARDAS, ALABARDAS,
ESPINGARDAS, ESPINGARDAS**
Uma última viagem na sua
permanente vocação
para agitar consciências.



**LIVRO
INÉDITO**

 **Porto
Editora**
70 ANOS a abrir horizontes

 **Fundação
José Saramago**

Que boas estrelas

estarão cobrindo

os céus de Lanzarote?

José Saramago, Cadernos de Lanzarote

**A Casa
José Saramago**

**Aberta de segunda a sábado,
das 10 às 14h.**

Última visita às 13h30.

Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h.

Última visita a las 13h30 h.

**Open from monday to saturday,
from 10 am to 14 pm.**

Last entrance at 13.30 pm.

**Tías-Lanzarote - Ilhas Canárias,
Islas Canarias, Canary Islands**

www.acasajosesaramago.com



M até 29 mai

Espectros

A peça de Enrik Ibsen onde a história de uma família é também o mal-estar civilizacional que continua a encontrar ecos que importa escutar, levada à cena pela Seiva Trupe e pelo TNSJ.
Porto, Teatro Nacional de São João.

→●

até 9 set

A Saltar do Livro

Exposição de livros pop-up, mostrando a imensa variedade destes objetos e as suas possibilidades de, a partir de uma estrutura «mecânica» de papel, criarem uma terceira dimensão nas páginas onde surgem.
Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal.

→●

até 2 out

Sombras

Exposição da obra monumental que Andy Warhol repartiu por 102 telas, refletindo sobre a abstração .
Bilbao, Museo Guggenheim.

→●

22 mai

Big Band de Impro

A encerrar o Festival Internacional de Impro, a Big Band multidisciplinar de Improvisação, dirigida por Omar Argentino.
Santiago de Compostela, Auditório de Galiza.

→●

25 mai a 11 jun

Alkantara Festival

14.ª edição do festival de artes performativas que reúne, em Lisboa, artistas nacionais e estrangeiros, trabalhando linguagens e modos variados.
Lisboa, vários lugares.

→●

M 26 mai
a 13 jun

**Feira do Livro
de Lisboa**

86.ª edição da
maior feira do
livro do país, com
a participação
de editoras,
alfarrabistas e
algumas superfícies
livreiras.

Lisboa, Parque
Eduardo VII.

→●

**27 mai
a 12 jun**

**Festival
Internacional
de BD de Beja**

XII.ª edição de
um festival que
há muito se
consolidou entre
os encontros de
banda desenhada
europeus. Este ano,
com a presença de
Edmond Baudoin,
Eduardo Riso,
Marcelo D'Saete e
Paco Roca, entre
outros.

Beja, vários lugares.

→●

**31 mai
a 11 set**

**El Bosco, el
jardín de los
sueños**

Exposição
retrospectiva da
obra de Jeronimus
Bosch, juntando
à coleção do
Prado as obras
empestadas por
outros museus
e coleções
internacionais.

Madrid, Museo del
Prado.

→●

8 jun

**Un vespre amb
Don DeLillo**

Conversa entre Don
DeLillo e Antonio
Lozano sobre a
obra do autor de
Americana.

Barcelona,
Centre de Cultura
Contemporània.

→●

**10 jun
a 31 dez**

**Interacciones
fundamentales
de un cielo
estrellado**

Exposição das
artistas argentinas
Carla Bertone,
Julia Masvernat y
Silvia Gurfein, no
contexto de um ano
de programação
dedicado à
reflexão sobre a
materialidade, a
escrita e o corpo.

Buenos Aires,
Museo de Arte
Contemporáneo.

→●

***Blimunda, Número
especial anual /
2014, em papel.
disponível
nas livrarias
portuguesas.
Encomendas
através do site loja.
josesaramago.org***

